



**Ispa**

Instituto Universitário  
de Ciências Psicológicas,  
Sociais e da Vida

**Comportamentos Autolesivos na Era Digital: Os Riscos do Online e  
o Papel da Mediação Parental Restritiva**

MÓNICA RAQUEL GASPAR ALVELA FERREIRA

31553

**Orientador de Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

**Professor de Seminário de Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau  
de: MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

2024-2025

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## Epígrafe

*“I’ m sorry, son. I should’ve done better.”*

*Adolescence (2025)*

## **Agradecimentos**

No curso de Psicologia abordamos frequentemente os fatores protetores, eu tenho a sorte de ter uma rede de suporte social muito fortalecida.

Primeiramente, gostava de agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Maria Gouveia Pereira, por me ter apresentado este projeto e acompanhado ao longo desta jornada.

A todos os professores e alunos que disponibilizaram o seu tempo de aulas para me ajudarem a concretizar este trabalho.

Agradeço também às minhas colegas do seminário de dissertação por me terem feito sentir menos sozinha ao longo deste percurso desafiante e, por vezes, frustrante, mas também gratificante.

Um agradecimento especial à Mariana Claro, que teve paciência para responder a todas as minhas dúvidas de estatística, és  $p < 0,05$  para mim.

Obrigada às minhas amigas Laura Costa, Luana Caldeira e Joana Marrafa, por festejarem as minhas conquistas como se fossem vossas, por limparem as minhas lágrimas, por me fazerem rir sempre que preciso e por me ajudarem a levantar quando vou abaixo. Não sei o que seria de mim sem vocês. Para sempre.

Por fim, e o mais importante, obrigada aos meus pais, Sandra e Jorge. Literalmente, não estaria onde estou sem vocês. Obrigada por me permitirem sonhar alto, por aturarem os meus dramas e por criarem um espaço seguro e confortável no nosso lar. E obrigada ao meu irmão, Renato, por ser também meu amigo e por me apoiar em tudo.

## Resumo

As atividades online relacionadas com comportamentos autolesivos (CALOn) têm vindo a aumentar, constituindo um fenómeno relevante, pois podem contribuir para o aumento dos comportamentos autolesivos (CAL) e do estigma associado. A mediação parental restritiva (MPRON) parece desempenhar um papel importante, ao diminuir o tempo online, aumentar a percepção de perigo nos filhos, e aumentar o conhecimento parental, mesmo quando a relação entre pais e filhos é distante, como é comum na adolescência.

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre as CALOn e o estigma em relação aos CAL, explorando a frequência dos CAL como variável mediadora e a MPRON como moderadora. Uma amostra de conveniência composta por 544 adolescentes, com idades entre os 12 e os 20 anos respondeu a questionários de autorrelato que avaliaram a frequência de CAL, a frequência em CALOn, a percepção de MPRON e o estigma associado aos CAL.

Os resultados indicaram que as CALOn predizem significativamente a CAL e associam-se a níveis mais elevados de estigma. Verificou-se igualmente um efeito indireto significativo das CALOn sobre o estigma, mediado pelos CAL, com magnitude média. A MPRON moderou esta relação, sendo o efeito indireto mais forte em níveis baixos e médios. Foram conduzidas análises exploratórias para aprofundar a compreensão do fenómeno.

Este estudo contribui para a compreensão do impacto das CALOn em variáveis psicológicas e sociais e do papel dos pais na atenuação desse impacto. Destaca ainda a importância de intervenções na regulação emocional na adolescência, literacia digital parental e redução do estigma.

**Palavras-chave:** comportamentos autolesivos, atividades online relacionadas com comportamentos autolesivos, estigma associado aos comportamentos autolesivos, mediação parental restritiva online, adolescência

## Abstract

Online activities related to deliberate self-harm (CALOn) have been increasing, constituting a relevant phenomenon as they may contribute to an increase in deliberate self-harm (CAL) and the stigma towards CAL. In this context, restrictive parental mediation (MPROn) appears to play an important role by reducing the time spent online, increasing adolescents' risk perception, and enhancing parental knowledge, even when the parent–child relationship is distant, as is common during adolescence.

This study aimed to analyze the relationship between CALOn and stigma towards CAL, exploring the frequency of CAL as a mediating variable and MPROn as a moderating variable. A convenience sample of 544 adolescents, aged between 12 and 20 years, completed self-report questionnaires assessing the frequency of CAL, involvement in CALOn, perceived MPROn, and stigma associated with CAL.

The results indicated that CALOn significantly predicted CAL and were associated with higher levels of stigma. A significant indirect effect of CALOn on stigma, mediated by CAL and of medium magnitude, was also observed. MPROn moderated this relationship, with the indirect effect being stronger at low and medium levels of MPROn. Exploratory analyses were conducted to deepen the understanding of the phenomenon.

This study contributes to the understanding of the impact of CALOn on psychological and social variables and the role of parents in mitigating this impact. It also highlights the importance of interventions targeting adolescents' emotional regulation, parental digital literacy, and stigma reduction.

**Keywords:** deliberate self-harm behaviors, online activities related to deliberate self-harm behaviors, stigma towards deliberate self-harm, restrictive parental mediation, adolescence

## Índice

Resumo .....	V
Índice de Tabelas e Figuras.....	IX
Lista de Abreviaturas, Acrônimos e Símbolos .....	X
Revisão Literatura.....	1
Comportamentos Autolesivos .....	1
Atividades Online Relacionadas com Comportamentos Autolesivos.....	2
Estigma em Relação aos Comportamentos Autolesivos .....	5
Estigma em Relação aos Comportamentos Autolesivos com Atividades Online .....	8
Teoria dos Sistemas Ecológicos e Tecno-Subsistema.....	8
Mediação Parental Restritiva .....	9
Presente Estudo.....	11
Método .....	13
Participantes .....	13
Instrumentos .....	15
Questionário Sociodemográfico .....	15
Inventário de Comportamentos Autolesivos .....	16
Atividades CAL Online .....	16
Mediação Parental Restritiva Online .....	17
Estigma em Relação aos Comportamentos Autolesivos .....	17
Identificação com Criadores de Conteúdos .....	17
Procedimento.....	17
Preparação dos Dados e Plano Analítico.....	18
Resultados .....	19
Modelo de Mediação Moderada.....	21
Análises Exploratórias.....	23
Discussão .....	25

O Papel Mediador dos Comportamentos Autolesivos na Relação entre as Atividades Online e o Estigma .....	25
Mediação Parental Online como Moderador da Relação entre Atividades Online e Comportamentos Autolesivos .....	26
Análise Exploratórias .....	26
Implicações Práticas .....	29
Pontos Fortes, Limitações e Estudos Futuros .....	30
Referências.....	32

## Índice de Tabelas e Figuras

<b>Tabela 1</b> - Frequência de Participação em Diferentes Atividades Online Relacionadas com Comportamentos Autolesivos .....	14
<b>Tabela 2</b> - Frequência dos Participantes em Diferentes Tipos de Conteúdos Online Relacionados com Comportamentos Autolesivos .....	15
<b>Tabela 3</b> - Estatísticas Descritivas das Variáveis Principais.....	20
<b>Tabela 4</b> - Correlações de <i>Pearson</i> .....	21
<b>Tabela 5</b> - Efeitos Diretos e de Interação Sobre a Variável Mediadora CAL.....	22
<b>Tabela 6</b> - Efeitos Indiretos Condicionais do CALOn sobre o Estigma para Diferentes Níveis de MPROn.....	23
<b>Figura 1</b> - Modelo Conceptual .....	13
<b>Figura 2</b> - Interação entre CALOn e MPROn na Previsão de CAL.....	23

## Lista de Abreviaturas, Acrônimos e Símbolos

% - Percentagem

As. - Assimetria

*b* - Coeficientes estandardizados

BootEP - Erro padrão obtido por bootstrapping

BootIC - Intervalo de confiança obtido por bootstrapping

CAL - Comportamentos autolesivos

CALOn - Atividades online relacionadas com comportamentos autolesivos

*Cu.* - Curtose

*DP* - Desvio padrão

*DP* da *Cu.* - Desvio padrão da curtose

*EP* - Erro padrão

LLCI - Limite inferior do intervalo de confiança

MPROn - Mediação Parental Restritiva

*M* - Média

Min. - Mínimo

Max. - Máximo

*N* - Número total de participantes

*n* - Tamanho da amostra

*p* - Nível de significância estatística

*r* - Correlações de Pearson

ULCI - Limite superior do intervalo de confiança

$\eta^2$  - Eta ao quadrado

## Revisão Literatura

### Comportamentos Autolesivos

Existem debates na literatura quanto à conceptualização de CAL, particularmente no que diz respeito à presença, ou não, de ideação suicida (APA, 2023). No presente estudo, vamos usar a definição que conceptualiza os CAL enquanto danos intencionais e diretos em tecidos corporais, frequentemente através de cortes, queimaduras, arranhões, pancadas ou mordidas, independentemente da intenção suicida, que não apresentam uma consequência fatal (e.g. Gouveia et al., 2022).

Os métodos dos CAL são heterogêneos e podem ser inseridos num continuum de severidade. Duarte e colaboradores (2019a) identificaram três dimensões de acordo com a gravidade destes comportamentos. Os métodos de elevada severidade incluem cortar-se, queimar-se, consumir substâncias e medicação com a intenção de se magoar ou morrer, bem como tentativas de suicídio. Os de severidade média englobam morder-se, puxar cabelos, arranhar a pele, espetar-se com agulhas e bater em si próprio. O terceiro grupo compreende o uso de drogas e bebidas alcoólicas com o objetivo de se magoar.

Embora muitos indivíduos que se autolesionam declarem que querem morrer (Hawton & James, 2005), estes iniciam e mantêm este tipo de comportamentos devido a um conjunto vasto e diverso de funções. Estas funções podem dividir-se em interpessoais, como criar um vínculo com os pares, vingança ou estabelecer um limite interpessoal e intrapessoais, como mecanismos de regulação emocional ou autopunição (Duarte et al., 2019b; Nock, 2010). Assim, mesmo quando a consequência dos CAL é fatal, este pode não ter sido o resultado desejado, tal ocorre em algumas tentativas de suicídio (Boergers et al., 1998; Hawton & James, 2005; Hawton et al., 2012).

Os CAL apresentam uma elevada incidência, com taxas de prevalência que variam entre 15% e 20% (Global Burden of Disease Collaborative Network, 2020; Miller et al., 2019). Importa salientar que estas taxas têm vindo a aumentar nas últimas décadas, particularmente entre os jovens (Bentley et al., 2018; Twenge et al., 2018). Estes comportamentos geralmente têm início por volta dos 12 anos de idade (Hawton et al., 2012; Miller et al., 2019). No âmbito do sexo, inúmeros estudos têm reportado uma prevalência mais elevada de CAL no sexo feminino, quando comparada ao masculino, tanto a nível comunitário como hospitalar, sendo que esta discrepância tem vindo a diminuir (Denton & Álvarez, 2024; Gouveia Pereira et al., 2022; Hargus et al., 2009; Moran et al., 2012). No que diz respeito aos escalões etários, os CAL, incluindo atos únicos de autolesão, apresentam uma prevalência mais elevada na adolescência, com uma estimativa de aproximadamente 17% (Denton & Álvarez, 2024;

Muehlenkamp et al., 2012; Swannell et al., 2014). A nível nacional, um estudo recente identificou uma prevalência de 38% de CAL numa amostra clínica e comunitária de adolescentes portugueses (n = 237), destes, 68,4% eram do género feminino (n = 162) e 31,6% do género masculino (n = 75) (Gouveia Pereira et al., 2022).

Uma das possíveis explicações para os CAL terem uma elevada incidência na adolescência é por serem consideradas ferramentas para induzir emoções positivas e reduzir negativas (Klonsky, 2009). Assim, como este grupo etário ainda está a desenvolver estratégias eficientes de autorregulação, apresenta frequentemente dificuldades em regular-se internamente, pelo que os CAL lhes são atrativos (Young et al., 2019). Para além disso, os CAL constituem um fator de risco significativo para o suicídio, que representa a terceira causa de morte nesta faixa etária (Susi et al., 2023). Assim, este grupo etário constitui uma população particularmente relevante para a investigação sobre CAL.

No âmbito da etiologia, a autolesão é um fenómeno complexo que tende a não resultar de uma causa única, mas antes de uma combinação de fatores psicológicos, físicos, relacionais, culturais, sociais, biológicos e genéticos (Hawton et al., 2012). As explicações diátese-stress propõem que vulnerabilidades biológicas predisponentes e fatores individuais, como contributos genéticos (Erlangsen et al., 2020), traços de personalidade, características psicológicas (O'Connor et al., 2009, 2010), perturbações psicológicas (Nock et al., 2006), uso de substâncias e hábitos tabagísticos (Hawton et al., 2002; Lieb et al., 2005), se combinam com a exposição a acontecimentos de vida negativos, como fatores familiares, vivências adversas na infância, bullying, episódios anteriores de CAL e exposição a suicídio e CAL de outros, aumentando o risco deste tipo de comportamentos ao longo da vida (Evans et al., 2004).

Estudos prospectivos e retrospectivos revelam que as autolesões na adolescência podem ser um fator de risco de perturbações afetivas na idade jovem adulto (Fergusson et al., 2005) e podem ser seguidas de atos com mais intenção suicida (Wilkinson et al., 2011) e suicídio consumado (Fortune et al., 2008).

### **Atividades Online Relacionadas com Comportamentos Autolesivos**

Paralelamente ao aumento dos CAL (e.g., Hawton et al., 2012), tem-se verificado um crescimento das CALOn (Daine et al., 2013; Gillies et al., 2018; Jacob et al., 2017). As CALOn podem ser definidas enquanto atividades realizadas no contexto digital relacionadas com CAL, como publicar sobre autolesão, visualizar conteúdos relacionados com estes comportamentos, ou trocar mensagens sobre o tema com outras pessoas (Nesi et al., 2021a). Estes conteúdos são especialmente acedidos por jovens que se autolesionam e têm sido associados a um aumento dos CAL, da intenção suicida e do risco de suicídio (Branley & Covey, 2017; Susi et al., 2023).

Estudos anteriores (e.g., Brown et al., 2020; Nesi et al., 2021a; Seko et al., 2015) procuraram compreender as motivações subjacentes ao envolvimento em CALOn. De forma geral, estas motivações podem ser agrupadas em duas categorias principais: (1) motivações orientadas para o *self*, como a necessidade de autoexpressão, exploração da identidade, controlo de impulsos autolesivos, reflexão sobre as experiências de CAL e utilização das plataformas online como um diário pessoal; e (2) motivações sociais, como o desejo de se conectar com outros, aumentar a consciencialização sobre os CAL e oferecer ou receber apoio emocional.

Neste sentido, as CALOn aparentam apresentar diversos benefícios percebidos pelos seus utilizadores. Em primeiro lugar, funcionam como uma fonte de informação acessível, onde os adolescentes podem obter conhecimento sobre a autolesão, colocar questões que evitariam em contextos offline, devido à vergonha e ao estigma, com a possibilidade de anonimato (Harris & Roberts, 2013) e aprender estratégias alternativas de *coping* (Harris & Roberts, 2013; Stänicke et al., 2024; Susi et al., 2023).

Outro benefício comumente referido pelos utilizadores é o acesso a apoio social não estigmatizado (Mitchell & Ybarra, 2007). Este tipo de apoio assume particular importância considerando que muitos jovens que se autolesionam sentem-se incompreendidos pelos seus pares e familiares, o que contribui para uma sensação de isolamento (De Choudhury & Kiciman, 2018; Stänicke, 2024). No espaço online, estabelecem laços com outros utilizadores com quem se identificam, sentem-se compreendidos e partilham experiências semelhantes (Mitchell & Ybarra, 2007; Stänicke et al., 2024).

Além disso, muitos jovens referem que o envolvimento e publicação com conteúdos CAL funciona como uma espécie de diário, os ajuda a refletir sobre as suas experiências, a ligar-se às suas emoções e contribuem para o aumento da esperança e da recuperação (Lewis & Seko, 2016; Seko et al., 2015; Stänicke et al., 2024).

Apesar dos benefícios supramencionados, diversos autores alertam para os potenciais riscos associados ao envolvimento com CALOn. Lewis e Seko (2016) descrevem-nas metaforicamente como "um pau de dois bicos". Um dos possíveis problemas identificados prende-se com a eficácia do apoio recebido e prestado. Embora o suporte entre pares online seja percebido como benéfico e empático, não se trata de uma ajuda efetiva a longo prazo. Brown et al. (2020) verificaram que apenas 15.2% dos adolescentes consideraram útil o apoio recebido online, sendo que a maioria reportou que os seus problemas não se resolvem através de conversas via *chat* com indivíduos não especializados.

Outro risco reside na satisfação das necessidades de pertença e apoio exclusivamente no contexto online, o que pode reduzir a influência da ajuda externa, como amigos, família ou

profissionais de saúde (Jacob et al., 2017; Lavis & Winter, 2020). Este fenómeno é intensificado pelas recomendações algorítmicas das plataformas digitais, que tendem a apresentar conteúdos semelhantes aos previamente visualizados, criando uma “câmara de eco” que reforça uma visão única e exclui perspetivas alternativas (Stänicke et al., 2024). Em alguns casos, os jovens descrevem as CALOn como uma ‘bolha’, onde a constante exposição a conteúdos CAL e a ligação a outros membros que vivenciam experiências semelhantes reduzem a influência do mundo exterior. Adicionalmente, a repetição de conteúdos CAL pode contribuir para a normalização destes comportamentos, levando os jovens a percecioná-los como mais comuns do que realmente são (Brennan et al., 2022).

Outro impacto negativo frequentemente referido pelos indivíduos que se envolvem em CALOn é a comparação e a competição. Relatos referem que alguns utilizadores comparam a gravidade das suas autolesões com as dos outros, o que pode gerar sentimentos de inferioridade ou de orgulho (Harris & Roberts, 2013). Além disso, existem desafios online em que os participantes competem para determinar quem se autolesiona de forma mais grave, sendo posteriormente reforçados ou punidos com base no resultado. Há também relatos de encorajamento direto à autolesão mais severa, ou mesmo a tentativas de suicídio, por parte de outros utilizadores (Biddle et al., 2018; Padmanathan et al., 2018).

Outro potencial risco é o reforço social positivo. No estudo de Brown e colaboradores (2018), os autores mostraram que fotografias que retratam autolesões recebem mais likes e comentários, na maioria empáticos e a oferecerem apoio, do que outros tipos de fotografias. Ademais, quanto mais profundo é o corte, maior a atenção recebida. Isto pode reforçar os CAL, tanto de quem publica como de quem visualiza as publicações e observa a atenção que os criadores recebem.

A aprendizagem social (Bandura, 1977) também desempenha um papel importante, vários jovens relatam terem aprendido novos métodos de autolesão através da observação de conteúdos online (Brown et al., 2020; Jacob et al., 2017). Alguns sites incluem descrições quase instrutivas dos métodos (John et al., 2018), o que é particularmente preocupante, dado que a diversidade de metodologias é um preditor significativo de tentativas de suicídio (Duarte et al., 2020). Adicionalmente, o envolvimento repetido com CALOn pode contribuir para o desenvolvimento de uma identidade de “autoagressor” (Nesi et al., 2021a; Susi et al., 2023).

Vários adolescentes referem que, após um período de envolvimento em CALOn, passaram a publicar os seus próprios conteúdos, o que sugere um efeito de contágio social (Jarvi et al., 2013; Nock & Prinstein, 2004; Brown et al., 2018). Além disso, muitos

participantes referiram que fotos de autolesões eram um *trigger* para se autolesionarem (Brown et al., 2020; Lewis & Seko, 2016; Stänicke et al., 2024).

Finalmente, a exposição contínua a este tipo de conteúdos pode diminuir a aversão à autolesão, baixar o limiar do dano (Lewis & Seko, 2016; Marchant et al., 2017), reduzir o medo da morte e aumentar a capacidade adquirida para o suicídio (Smith et al., 2010), fatores que elevam significativamente o risco de suicídio (Arendth et al., 2019).

Estas consequências negativas podem ser particularmente acentuadas na adolescência, fase do desenvolvimento marcada pela necessidade de integração social e pela construção de uma identidade coesa (Erikson, 1968). Assim, os efeitos negativos associados às CALOn, como a comparação social, a competição, o reforço social, a formação da identidade de “autoagressor” e o contágio, tornam-se ainda mais relevantes neste período de vida.

Dito isto, conseguimos identificar que existem conteúdos e usuários “a favor” dos CAL, que encorajam este tipo de comportamentos, fornecem instruções de métodos, praticam *bullying* a quem expressa sofrimento e veem o suicídio e a autolesão como desejáveis (John et al., 2018). Por outro lado, existem conteúdos e usuários “contra” os CAL, que utilizam as plataformas para prestar apoio, incentivar a recuperação, a procura de ajuda e fornecer informações factuais sobre estes comportamentos (Lewis & Seko, 2016).

No entanto, há inconsistências quanto a esta conclusão. Brennan e colaboradores (2022), na sua revisão sistemática, sugeriram que é impossível considerar a maioria dos conteúdos relacionados com CAL como inteiramente benéficos ou prejudiciais e que o impacto do conteúdo sobre autolesão não pode ser reduzido a uma simples descrição do “tipo” de conteúdo. Para além disso, os autores concluíram que o tipo de atividades desempenhadas pelos utilizadores também é relevante (e.g., aqueles que criam conteúdo, interagem com ele ou simplesmente consomem ou navegam passivamente), bem como que o conteúdo não pode ser separado da pessoa e das suas circunstâncias pessoais, tanto de quem publica como de quem consome. Esta conclusão vai ao encontro das encontradas numa revisão sistemática realizada por Susi e colaboradores (2023), onde concluíram que as imagens relacionadas com os CAL podem ter diferentes impactos e funções (e.g. regulação ou desregulação emocional, conexão social) em diferentes momentos, dependendo do indivíduo e dos aspetos contextuais.

### **Estigma em Relação aos Comportamentos Autolesivos**

O estigma aparenta ser um fator importante na experiência dos CAL. O estigma público pode ser definido como reações sociais desfavoráveis em relação a indivíduos com uma condição específica, incluindo sintomatologia de perturbações mentais (Corrigan & Waltson, 2002). De acordo com o modelo socio-cognitivo do estigma, o estigma público compreende

três elementos que se encontram interligados: os estereótipos, os preconceitos e a discriminação (Corrigan & Watson, 2002a; 2002b).

O estigma público está associado ao estigma interno, ou autoestigma (Vogel et al., 2013). O estigma interno ocorre quando os membros do grupo estigmatizado internalizam as atitudes sociais negativas direcionadas à sua condição social, mental ou às suas características (Corrigan & Watson, 2002a, 2002b). De acordo com Corrigan e Watson (2002b), o estigma interno inclui de forma semelhante estereótipos, autopreconceitos e comportamentos autodiscriminatórios interligados. No entanto, como explicam os autores, nem todos os indivíduos com perturbação mental sofrem de estigma interno. É necessário que o indivíduo estigmatizado esteja consciente dos estereótipos e atos negativos contra o grupo a que pertence e os aplique a si próprio. Caso os considere ilegítimos, pode experienciar sentimentos como raiva ou indiferença, dependendo do nível de identificação com o seu grupo.

Especificamente para os CAL, estudos sugerem que estes comportamentos são estigmatizados. Por exemplo, Burke e colegas (2019) analisaram atitudes implícitas e explícitas em relação a cicatrizes de CAL e compararam-nas com tatuagens e cicatrizes acidentais. Os resultados das medidas explícitas coincidiram com os das medidas implícitas, relevando um enviesamento negativo em relação a indivíduos com cicatrizes CAL, em comparação com os restantes grupos.

Quanto ao estigma interno, há debates na literatura sobre se os indivíduos que se autolesionam experienciam, ou não, autoestigma. Alguns autores sugerem que indivíduos com CAL podem não experienciar estigma interno. Isto deve-se ao facto de o envolvimento com os CAL ter características específicas, podendo ser reforçado pela redução do afeto aversivo (reforço negativo) e pela introdução de afeto positivo (reforço positivo; Klonsky, 2009). Assim, é possível que os efeitos reforçadores dos CAL atenuem o autoestigma.

Além disso, um estudo realizado com uma medida implícita que avalia associações afetivas, conhecida como Procedimento de Erro de Atribuição Afetiva (Payne et al., 2005), demonstrou que pessoas com historial de CAL percebem estímulos relacionados aos CAL como menos aversivos em comparação com aquelas sem historial de CAL (Franklin et al., 2014). Assim, é possível que uma menor aversão aos CAL contribua para a atenuação do autoestigma, de modo que indivíduos com CAL possam demonstrar um viés positivo em relação ao grupo.

No entanto, há evidência de que os indivíduos que se autolesionam relatam sentimentos de vergonha e constrangimento em relação às suas cicatrizes (Burke et al., 2017; Piccirillo et al., 2020) e hesitam divulgar os seus comportamentos por receio de reações negativas ou de

que os outros percebiam os seus CAL como ‘chamadas de atenção’ (Berger et al., 2013). Esses sentimentos de vergonha e constrangimento podem ser influenciados pelo autoestigma em relação aos CAL ou levar a tais atitudes negativas.

Adicionalmente, no estudo de Piccirillo e colegas (2020) foram avaliadas atitudes implícitas e explícitas relativas a CAL em indivíduos sem e com CAL, sendo posteriormente comparados os dois grupos. Os resultados mostraram que tanto os indivíduos com CAL como os sem CAL estão propensos a associar estes comportamentos a atributos negativos, apesar das avaliações feitas por indivíduos com CAL terem sido menos negativas, tanto em medidas explícitas como implícitas. Estes resultados sugerem que os indivíduos com CAL sofrem com autoestigma.

O estigma pode ter um impacto prejudicial. No que diz respeito aos CAL de forma específica, consequências do estigma incluem aumento da sintomatologia (Stier & Hinshaw, 2007), aumento do auto-conceito negativo, redução da autoestima e aumento da vergonha (Garisch & Wilson, 2015). Além disso, o estigma interno reduz o pedido de ajuda, o que agrava os resultados a longo prazo (Corrigan & Fong, 2014; Rowe et al., 2014). Este fenômeno é agravado no caso dos CAL, uma vez que há elevados reportes de estigma percebido em professores, pares, pais e profissionais de saúde (Klineberge et al., 2013).

O estigma vai ser particularmente impactante para o adolescente por diversas razões. O jovem ainda não possui uma identidade coesa e a formação da identidade depende das interações com outros significativos e do seu grupo de pertença (Erikson, 1968). Adicionalmente, a pertença a grupos vai influenciar o autoconceito e a autoestima dos adolescentes (Tajfel & Turner, 1986). Assim, a pertença a um grupo desvalorizado socialmente pode constituir uma grande ameaça à identidade da pessoa, uma vez que, como afirma Erving Goffman (1963), um dos pioneiros na investigação do estigma, pode “manchar a identidade”. Adicionalmente, essa pertença pode causar dissonância entre a identidade social e a identidade ideal no adolescente (Major & O’Brien, 2005). Além disso, como Wahl e colegas (2012) explicam, na adolescência, devido à forte preocupação com a identidade do grupo e ao forte desejo de não serem socialmente excluídos, os adolescentes dificilmente vão aceitar uma pessoa estigmatizada no seu grupo. Desta forma, numa idade em que a aprovação e inclusão dos pares são especialmente importantes e que surgem frequentemente perturbações no foro mental, um adolescente que experiencia tais problemas vai se deparar com visões negativas e rejeição por parte dos seus pares (Chandra & Minkovitz, 2007).

## **Estigma em Relação aos Comportamentos Autolesivos com Atividades Online**

O estigma também parece ser um fator importante nas CALOn, podendo levar os jovens a recorrer ao digital e, simultaneamente, intensificar-se neste contexto. Primeiramente, o estigma aparenta ser o principal motivador que leva os jovens a dirigirem-se para o online. Os jovens direcionam-se para este espaço para procurarem informações sobre os CAL, visto que eles próprios não compreendem o que estão a experienciar e fazem perguntas que de outra forma não teriam coragem, devido à vergonha e estigma associados e o receio do que os outros iriam pensar (Gamez Guadix et al., 2022; Nesi et al., 2021a). Para além disso, reportam como efeito positivo das CALOn a ajuda e apoio não estigmatizada recebidos (Mitchelle & Ybarra, 2007).

Assim, apesar de alguns estudos sugerirem que as CALOn podem atenuar o estigma em relação aos CAL entre os utilizadores, a literatura apresenta inconsistências, havendo também evidências que apontam para um aumento do estigma em relação aos CAL entre os indivíduos que se envolvem neste tipo de atividades. Primeiramente, as CALOn têm sido associadas ao aumento dos próprios CAL através de múltiplos mecanismos, como a comparação, a competição e o reforço social, e estudos anteriores mostram uma associação positiva entre a frequência de CAL e níveis de estigma interno (Jackman et al., 2018).

Além disso, devido à elevada utilização da internet por parte dos jovens, o estigma que percebem é provavelmente influenciado pelas plataformas online (Joseph et al., 2015). Lewis e Seko (2016) sugerem que o online pode ser uma plataforma para perpetuar estigma e hostilidade para aqueles que se autolesionam, nomeadamente através de comentários maldosos que pretendem humilhar e provocar. Uma vez que a população que se autolesiona é especialmente vulnerável, existe um maior risco de ser afetada por estes comentários e, como resultado, aumentar o estigma em relação aos CAL, isolar-se e ficar reticente quanto a discutir estes comportamentos. Noutra perspetiva, Brown e colaboradores (2020) sugerem que as medidas criadas pelas plataformas para atenuar os impactos negativos das CALOn, como colocar avisos de sensibilização antes do aparecimento destes conteúdos ou proibir hashtags associadas, podem aumentar o estigma e a vergonha em relação a estes comportamentos.

## **Teoria dos Sistemas Ecológicos e Tecno-Subsistema**

A teoria dos sistemas ecológicos foi criada por Bronfenbrenner (1979, 1989) e enfatiza a natureza dinâmica do desenvolvimento infantil, destacando a importância de considerar fatores contextuais em que a criança está inserida ao amadurecer. Inicialmente, a teoria compreendia cinco subsistemas: o microsistema, o mesossistema, o exossistema,

macrossistema e o exossistema. Posteriormente, Bronfenbrenner (2005) incluiu um sexto sistema: o biossistema.

No entanto, a crescente disponibilidade e complexidade da tecnologia durante a infância podem influenciar de forma significativa o desenvolvimento da criança. Assim, Johnson e Puplampu (2008) propuseram o tecno-subsistema ecológico, uma dimensão do microsistema. O tecno-subsistema inclui a interação bidirecional da criança com elementos vivos, como os pares, e não vivos, como sites e outras tecnologias de informação, comunicação e recreação, nos seus contextos imediatos.

Neste sentido, a teoria dos sistemas ecológicos oferece uma estrutura para compreender o impacto da internet no desenvolvimento infantil. Esta abordagem implica analisar e comparar como as crianças usam a internet nos seus contextos imediatos, como a casa e a escola, e para diferentes finalidades, como informação, comunicação e lazer, de modo a compreender os seus impactos no desenvolvimento.

Assim, a família funciona como um tecno-microsistema ecológico vital. Por exemplo, as intervenções parentais relacionadas com a utilização da internet pelos adolescentes vão influenciar os comportamentos dos adolescentes no contexto online (Liu et al., 2023).

### **Mediação Parental Restritiva**

Dito isto, podemos observar que o uso indevido do online pode desencadear a exposição a riscos, incluindo as CALOn, e que a família influencia os comportamentos dos adolescentes nesse contexto. Sendo aconselhável que os adultos responsáveis exerçam controlo sobre o uso do online pelas crianças, particularmente no que diz respeito ao conteúdo, ao tempo e às atividades (Álvarez-García et al., 2018).

Às estratégias que os pais adotam para maximizar as oportunidades e minimizar os riscos do uso do online dá-se o nome de mediação parental online (Livingstone et al., 2017). As mais prevalentes aparentam ser a mediação parental online ativa e restritiva (Beyes et al., 2022; Chen & Chng, 2016). A mediação parental ativa consiste nos pais discutirem os conteúdos midiáticos com os filhos, clarificando os que são ou não apropriados, discutir os riscos da internet e como evitá-los (Livingstone & Haddon, 2008; Valkenburg et al., 1999). A MPROn é aquela onde os pais impõem restrições e regras limitando quando e onde o filho pode estar online, com quem pode falar, quais sites pode visitar, supervisionar o comportamento da criança na internet e utilizar softwares de bloqueio (Chen & Chng, 2016; Sonck et al., 2012).

Os efeitos da MPROn não são consistentes na literatura (Lee, 2013). Há evidência que mostra impactos negativos da mediação restritiva, nomeadamente menores níveis de pensamento crítico (Shin, 2015) e de literacia online (Ren et al., 2022), bem como maiores

níveis de problemas internalizantes e de comportamentos de risco online. Este efeito pode dever-se ao facto de os filhos percecionarem os pais como ‘controladores’ e os comportamentos de risco como ‘fruto proibido’ desejável, procurando assim contornar as restrições (Livingstone & Bober, 2006; Marano, 2008; Nelson, 2010; Schiffrin et al., 2014). Adicionalmente, o foco excessivo nas restrições pode acabar por limitar o acesso dos adolescentes a oportunidades da internet, como entretenimento, conhecimento e novas ligações sociais (Dedkova & Mýlek, 2023). Além disso, o estudo de Cernikova e colaboradores (2018) mostrou que adolescentes com pais que aplicam medidas restritivas possuem menos estratégias de *coping* quando expostos a riscos online. Ademais, estudos indicam que esta estratégia tende a ser menos eficaz à medida que a criança cresce (Nathanson, 2002).

No entanto, evidência empírica também sugere que a MPROn tem um efeito protetor (Lee, 2013). Primeiramente, crianças que afirmam receberem menos controlo parental no contexto digital mostram mais comportamentos de mudança de interesses, como preferência por ficarem sozinhas no quarto a usar tecnologias (Giménez et al., 2017).

Além disso, estudos anteriores mostram que a mediação restritiva está associada a menos tempo e menos comportamentos de risco online, o mesmo resultado não se encontra na mediação parental ativa (Lee, 2013; Livingstone & Helsper, 2008; Sciacca et al., 2022). Evidência empírica tem vindo a procurar mecanismos pelos quais a MPROn reduz os comportamentos de risco. Spears e colaboradores (2005) sugerem que os filhos com pais que aplicam medidas restritivas têm menor probabilidade de se envolverem nestes comportamentos, porque as regras impostas diminuem a frequência com que estão na internet.

Outros autores encontraram uma associação entre níveis mais elevados de MPROn e maiores preocupações relativas ao uso da internet por parte dos filhos. Quando os adolescentes observam os limites e as proibições de conteúdos e interações impostos pelos pais, tendem a percecionar essas interações e conteúdos como perigosos, o que pode promover uma maior cautela, aumentar a perceção de risco e o evitamento (Dedkova & Mýlek, 2023; Steinfeld, 2021).

Outro efeito associado à MPROn é um maior conhecimento parental sobre as atividades online dos filhos (Cerna et al., 2016), o que é particularmente relevante para que os pais consigam oferecer apoio e orientação adequados (Livingstone, 2010). Esta relevância torna-se ainda mais evidente dado que estudos anteriores, que incluem relatos tanto das crianças como dos pais, mostram que estes tendem a ser vagos ao descrever como os filhos passam o tempo no digital (Cho & Cheon, 2005), a sobrestimar a frequência com que utilizam a internet para fins académicos (Katz et al., 2015), a subestimar comportamentos de risco online (Cho &

Cheon, 2005; Symons et al., 2017) e a revelar desconhecimento sobre esses mesmos riscos (Symons et al., 2017).

À medida que os filhos se aproximam da fase da adolescência reportam menores níveis de mediação parental, tanto ativa como restritiva (Dedkova & Mýlek, 2022). Este efeito pode dever-se ao facto de os pais reconhecerem o aumento das necessidades de autonomia e privacidade, o desenvolvimento da autorregulação e a crescente influência dos pares nos seus filhos nesta fase (De Ayala López et al., 2020; Symons et al., 2017; Young & Tully, 2022; Collins & Steinberg, 2007).

À luz do exposto, a falta de mediação por parte dos pais com a chegada da adolescência pode ter efeitos perigosos para os filhos, face aos riscos associados ao uso do online. A eficácia da mediação ativa depende da abertura relacional entre pais e filhos (Caivano et al., 2020). No entanto, essa abertura nem sempre se verifica, especialmente na adolescência, uma vez que se trata de um período marcado pelo aumento do desejo de autonomia (Erikson, 1968; Steinberg & Monahan, 2007), pela maior influência dos pares em comparação à dos pais (Caivano et al., 2020), pela diminuição da partilha de informação por parte dos adolescentes (Branje et al., 2018; Padilla-Walker et al., 2020; Zhang et al., 2021) e pelo aumento do distanciamento, da tensão e dos conflitos entre pais e filhos relativamente a vários assuntos, incluindo o uso da internet (Tadpatrikar et al., 2021). Desta forma, parece ser necessária a existência de controlo sobre os conteúdos e atividades online nesta fase. Assim a MPROn aparenta ser uma estratégia particularmente eficaz não só na infância, como também na adolescência.

### **Presente Estudo**

Um dos aparentes impactos das CALOn é o aumento dos próprios CAL (Burke et al., 2019). Este aumento pode ocorrer por diversos motivos, entre os quais a perceção de que a ajuda recebida online é suficiente, o que pode levar à diminuição dos pedidos de ajuda externa especializada (Brown et al., 2020). Para além disso, a exposição contínua a conteúdos relacionados com CAL e a constante interação com indivíduos com CAL tende a normalizar estes comportamentos, reduzindo a perceção da gravidade e a aversão à autolesão (Brennan et al., 2022; Lewis & Seko, 2016; Marchant et al., 2017; Stänicke et al., 2024). Além disso, estão presentes dinâmicas de comparação, competição e encorajamento, as quais podem contribuir para a manutenção e intensificação dos CAL (Biddle et al., 2018; Harris & Roberts, 2013). De igual modo, a aprendizagem de novos métodos e a visualização de imagens de autolesões podem funcionar como gatilhos e constituir uma motivação para novos episódios de CAL, bem como para o agravamento dos mesmos (Brown et al., 2020; Jacob et al., 2017; Susi et al., 2023).

Por fim, a validação e atenção recebidas podem reforçar positivamente estes comportamentos, o que poderá contribuir para o aumento da sua frequência (Brown et al., 2018)

Evidência empírica tem mostrado que os CAL são comportamentos estigmatizados (Burke et al., 2019) e que indivíduos com CAL frequentemente experienciam autoestigma (Piccirillo et al., 2020). Estudos anteriores sugerem ainda que indivíduos que realizam CALOn podem experienciar níveis mais elevados de estigma (Brown et al., 2020; Lewis & Seko, 2016). Esta associação pode dever-se ao facto de as CALOn contribuírem para o aumento dos próprios CAL, sendo que a frequência destes tem vindo a ser positivamente associada aos níveis de estigma (Jackman et al., 2018). No entanto, estas hipóteses carecem de ser testadas empiricamente, o que será feito no presente estudo. Assim, espera-se que quanto maior for o envolvimento em CALOn, maior será o estigma em relação aos CAL (Hipótese 1). Espera-se ainda que essa relação seja mediada pelo aumento dos próprios CAL (Hipótese 2).

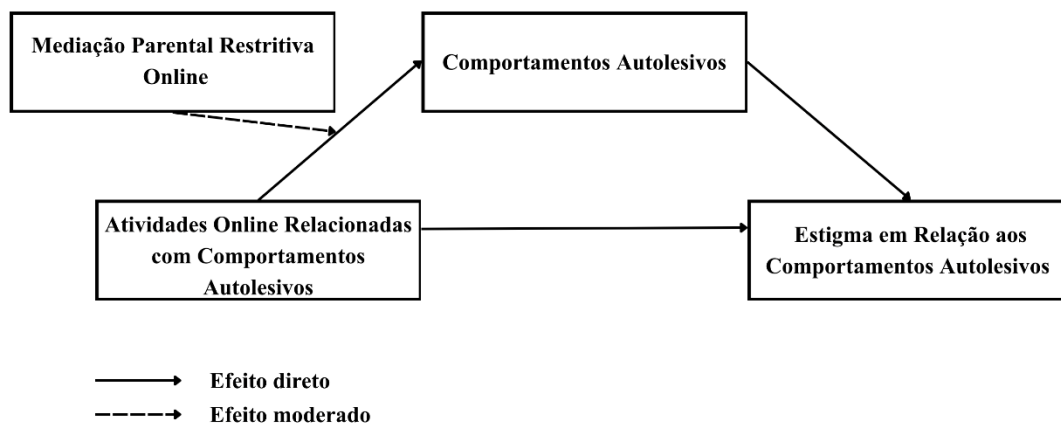
Neste contexto, a MPROn parece desempenhar um papel fundamental, uma vez que tem vindo a ser associada ao aumento da perceção de perigo por parte dos filhos (Dedkova & Mýlek, 2023; Steinfeld, 2021), a menor tempo despendido no online (Dedkova & Mýlek, 2023; Spears et al., 2005) e a um maior conhecimento, por parte dos pais, acerca das atividades online dos filhos (Cerna et al., 2016; Livingstone, 2010), fatores estes que podem atenuar o impacto das CALOn.

Contrariamente a outros tipos de mediação (e.g., ativa), a MPROn permite que os cuidadores acedam a informação sobre os comportamentos online dos adolescentes mesmo quando a relação é menos próxima e a comunicação é reduzida, como ocorre em muitas relações entre pais e filhos adolescentes (Bybee et al., 1982; Dorr et al., 1989; Austin, 1993). Assim, o controlo dos conteúdos e das atividades online parece constituir, nesta fase, uma estratégia relevante para atenuar os impactos de comportamentos de risco online. Desta forma, espera-se que a MPROn modere a relação entre as CALOn e os CAL, sendo este efeito de moderação mais forte quando os níveis de MPROn forem baixos (Hipótese 3). Em resumo, o modelo conceptual subjacente às nossas hipóteses é apresentado na Figura 1.

Para além destas hipóteses centrais, foram conduzidas análises exploratórias com o objetivo de aprofundar a compreensão do fenómeno. Concretamente, pretendeu-se examinar de que forma diferentes tipos de envolvimento (i.e. diferentes atividades; conteúdos contra e a favor dos CAL) em CALOn predizem o estigma em relação aos CAL e os próprios CAL, bem como se identificação com criadores de conteúdos online, e com diferentes posicionamentos face aos CAL, predizem as CALOn. Por fim, procurou-se analisar a relação entre as CALOn e

as tentativas de suicídio. Estas análises têm um carácter exploratório e complementar às nossas hipóteses, com o objetivo de fornecer dados relevantes para investigações futuras.

**Figura 1.**  
*Modelo Conceptual*



## Método

### Participantes

A amostra conta com um total de 544 participantes, sendo 50,2% do género feminino ( $n = 273$ ), 47,4% ( $n = 258$ ) do género masculino e 2,6% ( $n = 14$ ) de outro género. As suas idades compreendem-se entre os 12 e os 20 anos ( $M = 15,60$ ;  $DP = 1,878$ ) e a maioria tem nacionalidade portuguesa (85,7%,  $n = 466$ ). No total, 10,7% ( $n = 58$ ) dos participantes tentaram suicidar-se pelo menos uma vez na vida, 62,9% ( $n = 342$ ) conhecem alguém que se magoa ou magoava intencionalmente e 23,9% ( $n = 130$ ) conhecem alguém que se tenha suicidado.

Relativamente ao tempo passado online, verificou-se que 221 adolescentes (40,6%) reportaram estar online entre 4 e 8 horas por dia durante a semana, seguindo-se os que indicaram entre 8 e 12 horas ( $n = 106$ ; 19,5%) e mais de 12 horas ( $n = 101$ ; 18,6%). Apenas 21,3% ( $n = 116$ ) referiram passar entre 0 e 4 horas online em dias úteis. Durante os fins de semana, observou-se um aumento do tempo de utilização, sendo que 33,5% ( $n = 182$ ) afirmaram estar online entre 4 e 8 horas, 30,7% ( $n = 167$ ) entre 8 e 12 horas e 18,9% ( $n = 103$ ) mais de 12 horas, enquanto apenas 16,9% ( $n = 92$ ) reportaram menos de 4 horas online aos fins de semana.

Dos 544 participantes, mais de metade reportou ter tido um CAL pelo menos uma vez na vida ( $n = 283$ ; 52,0%). Dos 283 participantes com historial de CAL, 172 (60,8%) são do

género feminino, 101 (35,7%) do género masculino e 10 (3,5%) identificam-se com outro género. No que diz respeito à severidade dos comportamentos autolesivos, 247 participantes (87,3%) relataram ter tido pelo menos um CAL de severidade baixa, 156 (55,1%) indicaram ter tido pelo menos um CAL de severidade alta e 59 (20,8%) reportaram ter recorrido ao uso de substâncias pelo menos uma vez na vida. Ainda entre os participantes com história de CAL, 66 (23,3%) afirmaram já ter tentado suicidar-se pelo menos uma vez ao longo da vida, 84 (29,7%) referiram conhecer alguém que se tenha suicidado, e 208 (73,5%) indicaram conhecer alguém que se magoe ou se magoava a si próprio.

Quanto aos CALOn, 50% ( $n = 272$ ) já se envolveram nalguma destas atividades pelo menos uma vez na vida.

**Tabela 1.**

*Frequência de Participação em Diferentes Atividades Online Relacionadas com Comportamentos Autolesivos*

<b>Atividades</b>	<b><i>n</i></b>	<b>%</b>
Visualizar conteúdos CAL online	199	36.5
Partilhar conteúdos CAL online	81	14.9
Criar e partilhar conteúdos CAL online	37	6.8
Conversar online sobre os CAL com pessoas que conheço offline	148	27.2
Conversar online sobre os CAL com pessoas que conheço online	96	17.6

*Nota.* *n*: Tamanho da Amostra; CAL: Comportamentos Autolesivos

**Tabela 2.**

*Frequência dos Participantes em Diferentes Tipos de Conteúdos Online Relacionados com Comportamentos Autolesivos*

<b>Tipo de conteúdos</b>	<b><i>n</i></b>	<b>%</b>
“Contra” os CAL	77	28.3
“A favor” dos CAL	64	23.5
“Neutros” em relação aos CAL	105	38.6

*Nota.* *n*: Tamanho da Amostra; CAL: Comportamentos Autolesvios

Apesar da amostra total ser composta por 544 participantes, o modelo de mediação moderada foi estimado com um *n* de 283, correspondente ao número de respostas válidas na variável dependente estigma, uma vez que apenas participantes com CAL responderam a essa escala. Assim, apenas estes casos foram incluídos nas análises principais.

Para justificar o tamanho da amostra, foi seguido o critério de Chin (1998), que recomenda pelo menos 10 participantes por cada parâmetro incluído no modelo. No modelo utilizado foram estimados quatro parâmetros: a variável independente (VI), a VI com mediador e VI com moderador. Com base neste critério, o tamanho mínimo recomendado seria de 40 participantes, o que confirma a adequação da amostra usada.

### **Instrumentos**

#### ***Questionário Sociodemográfico***

De forma a contextualizar os dados, os participantes responderam, no final, a um questionário sociodemográfico que incluía questões sobre o género, idade, nacionalidade, ano de escolaridade, tempo passado online nos dias de semana e fins de semana, instituição frequentada e composição do agregado familiar. Adicionalmente, foi perguntado se o participante já tinha realizado uma tentativa de suicídio, se conhecia alguém que se magoasse ou se tivesse magoado intencionalmente, se conhecia alguém que tivesse cometido suicídio e, em caso afirmativo, quem. Apesar de terem sido recolhidas várias variáveis sociodemográficas, a maioria destas não foi incluída nas análises, tendo sido utilizada apenas para a caracterização da amostra.

### ***Inventário de Comportamentos Autolesivos***

O Inventário de Comportamentos Autolesivos (ICAL; Duarte et al., 2019a) é um instrumento que avalia a frequência dos CAL. Este instrumento foi desenvolvido por Duarte e colaboradores (2019) e revelou propriedades psicométricas aceitáveis ( $\alpha = .91$ ;  $M = 1.96$ ;  $DP = 2.95$ ). O ICAL é constituído por 13 itens (e.g., “*Cortei-me*”, “*Mordi-me*”, “*Queimei-me*”).

Os itens foram estruturados em três fatores, que correspondem a diferentes níveis de gravidade dos CAL: o Fator 1 inclui métodos mais severos (e.g., “*Cortei-me*”) e é designado CAL de severidade elevada, o Fator 2 engloba formas mais leves e moderadas de CAL (e.g., “*Mordi-me*”) e é designado CAL de baixa severidade e o Fator 3 refere-se ao uso de substâncias psicoativas com intenção de se magoar, sendo designado CAL por uso de substâncias.

O formato de resposta consiste numa escala fechada de quatro pontos, que indica a frequência destes comportamentos ao longo da vida: “*Não*”, “*Sim, uma vez*”, “*Sim, entre 2 e 10 vezes*” e “*Sim, mais de 10 vezes*”. No presente estudo, esta medida apresentou um alfa de Cronbach de  $\alpha = .85$ ,  $M = 1.25$ ,  $DP = .38$ .

### ***Atividades CAL Online***

O Questionário de Atividades Online Relacionadas com Comportamentos Autolesivos é um instrumento de autorrelato concebido para avaliar a frequência de diversas atividades online associadas aos CAL. A construção do questionário baseou-se numa revisão da literatura (Fuschini et al., 2024; Lewis et al., 2012; Nesi et al., 2021b).

O instrumento é composto por cinco itens que avaliam a frequência de: (1) visualização de conteúdos relacionados com comportamentos autolesivos; (2) partilha desses conteúdos; (3) criação de conteúdos relacionados com CAL; (4) conversas online sobre CAL com pessoas que conheço offline; e (5) conversas online sobre CAL com pessoas que só conheço online. As respostas foram dadas numa escala de frequência de cinco pontos (1 = *Nunca*, 2 = *Raramente*; 3 = *Ocasionalmente*; 4 = *Frequentemente* e 5 = *Sempre*).

Além disso, inclui duas perguntas para avaliar o posicionamento a favor, neutro, ou contra das CALOn (Lewis & Michal, 2016). A avaliação foi feita através de uma escala de Likert de oito pontos, que varia entre 1 = *Totalmente contra* e 8 = *Totalmente a favor* (e.g. *Os conteúdos que vejo online sobre os comportamentos são;*; *As conversas que tiveste online sobre estes comportamentos são;*; *Os conteúdos que partilhaste online sobre estes comportamentos são;*; *Os conteúdos que criaste e partilhaste sobre estes comportamentos são;*). No presente estudo esta medida obteve um *alfa de cronbach* de  $.86$ ,  $M = 1.33$ ,  $DP = .51$ .

### ***Mediação Parental Restritiva Online***

Para avaliar a percepção dos adolescentes sobre a mediação parental online percebida foi utilizada uma escala desenvolvida para este estudo com base na escala usada por Martins e colaboradores (2019). A escala é composta por quatro itens: “*Os meus pais ou o adulto com quem vivo controlam o meu tempo na Internet*”; “*Os meus pais ou o adulto com quem vivo controlam com quem falo na Internet*”; “*Os meus pais ou o adulto com quem vivo controlam os websites que eu uso*” e “*Os meus pais ou o adulto com quem vivo controlam os conteúdos que vejo online*”. As respostas foram dadas numa escala de Likert de cinco pontos, variando entre 1 = *Nunca* e 5 = *Sempre*. A escala apresentou uma boa consistência interna, com um coeficiente alfa de Cronbach de  $\alpha = .86$ ,  $M = 1.66$ ,  $DP = .86$ .

### ***Estigma em Relação aos Comportamentos Autolesivos***

Para medir o estigma sentido pelos adolescentes em relação aos CAL foi construída uma escala que mede o estigma externo e interno com base em entrevistas a uma amostra clínica de adolescentes (Viegas, 2024) e por itens baseados e adaptados na escala utilizada por Clement et al. (2012). Este instrumento é composto por nove itens avaliados por uma escala Likert de cinco pontos (1 = *Discordo totalmente* e 5 = *Concordo totalmente*). Foi realizada uma análise fatorial exploratória para determinar as dimensões desta escala, obtendo duas dimensões: 1- estigma interno (e.g. “*Sinto vergonha dos meus comportamentos*”) e 2- estigma externo (e.g. “*As pessoas pensam que estes comportamentos são só uma “moda”*”). No presente estudo esta medida obteve um *alfa de cronbach* de .82,  $M = 3.05$ ,  $DP = .80$ .

### ***Identificação com Criadores de Conteúdos***

A Single-item social identification (SISI; Postmes et al., 2012) é uma medida de identificação social de item único. Este instrumento envolve avaliar o grau de concordância do participante com a afirmação “*Eu identifico-me com o meu grupo (ou categoria)*” através de uma escala de sete pontos. O presente estudo adaptou a escala SISI para avaliar o grau de identificação dos participantes a criadores de conteúdos CAL online. Para tal, foram utilizados três itens: “*Identifico-me com as pessoas que criam conteúdos online sobre estes comportamentos*”, “*Identifico-me com as pessoas que criam conteúdos online contra estes comportamentos*” e “*Identifico-me com as pessoas que criam conteúdos online a favor destes comportamentos*”. As respostas foram dadas através de uma escala tipo Likert de sete pontos (1 = “*Discordo totalmente*” e 7 = “*Concordo totalmente*”).

### **Procedimento**

Este estudo está inserido num projeto mais abrangente, previamente aprovado pela Comissão Institucional de Ética do Ispa – Instituto Universitário.

O método de seleção utilizado foi o método de amostragem não probabilístico por conveniência, sendo o critério de inclusão alunos que frequentam entre o 7º e o 12º ano de escolaridade.

O estudo tem um design quantitativo, correlacional, transversal e observacional. A recolha de dados foi realizada presencialmente, entre fevereiro e maio de 2025, durante o período de aulas, através dos telemóveis de cada aluno. A recolha de dados foi feita através de um questionário de autorrelato, criado na plataforma QUALTRICS XM, com uma duração média de aproximadamente 30 minutos. Várias escolas da Área Metropolitana de Lisboa foram contactadas e informadas sobre os objetivos e âmbito da investigação. Após a autorização por parte das direções escolares e encarregados da educação, os dados foram recolhidos.

O estudo foi concebido em conformidade com considerações éticas e com a integridade da investigação que envolve participantes humanos. Os participantes foram plenamente informados sobre a natureza e os objetivos da investigação e todas as informações relevantes foram fornecidas no formulário de consentimento informado e oralmente por parte de um investigador. O formulário descrevia os objetivos do estudo, o papel dos participantes, sublinhando que a participação era voluntária, que os dados recolhidos seriam utilizados somente para fins de investigação e que a confidencialidade e o anonimato dos participantes seriam protegidos. Os participantes foram informados do seu direito de se retirarem do estudo em qualquer altura, sem repercussões, e de que não haveria consequências negativas da interrupção da participação.

### **Preparação dos Dados e Plano Analítico**

Primeiro, foram analisados valores omissos, sendo que só os participantes que completaram todos os itens do questionário é que foram incluídos na análise, resultando num total de 445 casos válidos, tendo sido excluídos 71 participantes com respostas incompletas.

Segundo, foram calculadas estatísticas descritivas, incluindo medidas de tendência central (média), dispersão (desvio-padrão, mínimo e máximo) e de forma (assimetria e curtose) para caracterizar as variáveis principais.

Terceiro, foram realizadas correlações de Pearson bivariada ( $r$ ) para avaliar a força com que as variáveis em estudo se correlacionam. As correlações foram interpretadas de acordo com os critérios de Cohen (1988) que definem uma magnitude de  $r = .10$  como baixo,  $r = .30$  como média e  $r = .50$  como elevada.

O modelo de mediação moderada seguido neste estudo corresponde ao Modelo 7 da macro PROCESS (Hayes, 2018), que avalia se o efeito da variável independente (X) sobre a variável dependente (Y) ocorre indiretamente através de um mediador (M), sendo este caminho

condicionado por um moderador (W). A significância do efeito indireto foi testada através do procedimento de bootstrapping acelerado e corrigido pelo enviesamento (*bias-corrected and accelerated confidence intervals* — BCaCI), com 5000 reamostragens, conforme recomendado por Hayes (2018). Considerou-se que existia mediação significativa quando o intervalo de confiança de 95% (BCaCI) para o efeito indireto não incluía o zero.

A presença de mediação moderada foi considerada quando se verificaram duas condições: (1) o efeito do mediador (M) na variável dependente (Y) dependia do nível do moderador (W), sendo o efeito de X sobre M significativo e (2) o efeito indireto de X sobre Y, mediado por M, variava consoante os níveis do moderador.

Seguindo as recomendações metodológicas de Hair et al. (2011), todas as variáveis envolvidas na interação foram previamente centradas na média antes da criação do termo de interação ( $X \times W$ ). Os efeitos indiretos condicionais foram posteriormente examinados em diferentes níveis do moderador (por exemplo,  $\pm 1$  desvio padrão da média), sendo a sua significância determinada pela exclusão do zero nos intervalos de confiança gerados por bootstrap. O tamanho do efeito indireto totalmente padronizado (*abcs*) foi interpretado segundo as diretrizes de Preacher e Kelley (2011), que classificam os efeitos como pequenos (.01), médios (.09) ou grandes (> .25).

Como referido anteriormente, de forma exploratória, foram conduzidas análises adicionais com o objetivo de aprofundar a compreensão do fenómeno. Em primeiro lugar, realizaram-se regressões lineares múltiplas para avaliar se diferentes tipos de CALOn (e.g., visualizar, partilhar ou criar conteúdos, conversar online) prediziam o estigma em relação aos CAL e os próprios CAL. Em segundo lugar, foi conduzida uma regressão linear simples para examinar se as CALOn prediziam relatos de tentativas de suicídio. Em terceiro lugar, recorreu-se a uma regressão linear múltipla *stepwise* para avaliar se a identificação com criadores de conteúdos relacionados com CAL online, contra os CAL online e a favor dos CAL online prediziam o envolvimento em CALOn. Por fim, foram efetuadas comparações entre grupos de adolescentes que se envolvem em conteúdos a favor e contra os CAL, relativamente aos níveis de estigma e à frequência de CAL, através de testes *t* de Student para amostras independentes. O tamanho do efeito foi avaliado de acordo com os critérios de Cohen (1988): pequeno (.20), médio (.50) e grande (.80).

## **Resultados**

As estatísticas descritivas entre as variáveis relevantes estão apresentadas na Tabela 3. As variáveis foram analisadas de acordo com a sua assimetria e curtose, usando o critério de Kline (2016), que indica que estas aderem à distribuição normal caso os valores da curtose se

situem entre -10 e 10 e os da assimetria entre -3 e 3. Os estudantes da amostra apresentaram níveis moderados de estigma e níveis baixos de MPROn, de CAL e de CALOn.

**Tabela 3**

*Estatísticas Descritivas das Variáveis Principais*

	<i>n</i>	<b>Mín.</b>	<b>Máx.</b>	<i>As.</i>	<i>DP</i> <i>As.</i>	<i>da Cu.</i>	<i>DP</i> <i>da Cu.</i>
Estigma em relação aos CAL	283	1	5	-.45	.15	-.03	289
CALOn	545	1	5	2.32	.11	6.49	.21
CAL	545	1	4	2.07	.11	4.75	.21
MPROn	545	1	5	1.81	.11	3.20	.21
N válido	283						

*Nota.* *n*: tamanho da amostra; Mín: mínimo; Máx.: máximo; *As.*: assimetria; *Cu.*: curtose; *DP of Cu.*: desvio padrão da curtose; CALOn: Atividades Online relacionadas com Comportamentos Autolesivos; CAL: Comportamentos Autolesivos; MPROn: Mediação Parental Restritiva Online.

Na Tabela 4 são apresentadas as correlações entre as variáveis em estudo. Verificou-se que o estigma em relação aos CAL se correlaciona de forma significativa e positiva, embora com magnitude fraca, com as CALOn ( $r = .15$ ). Adicionalmente, o potencial mediador, os CAL, também se correlaciona de forma positiva e significativa, com magnitude moderada, com o estigma ( $r = .34$ ) e com as CALOn ( $r = .22$ ). No entanto, não se verificaram correlações estatisticamente significativas entre os CAL e a MPROn ( $r = -.020$ ), nem entre a MPROn e o estigma em relação aos CAL ( $r = .033$ ).

**Tabela 4***Correlações de Pearson r*

Variáveis	1	2	3
1. Estigma em relação aos CAL	—		
2. CALOn	.15**	—	
3. CAL	.34**	.22**	—
4. MPROn	.03	.12**	-.02

*Nota.* CALOn: Atividades Online relacionadas com Comportamentos Autolesivos; CAL: Comportamentos Autolesivos; MPROn: Mediação Parental Online; Correlações significativas no nível: \* $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ , \*\*\*  $p < .001$

**Modelo de Mediação Moderada**

A Tabela 5 apresenta os efeitos diretos e de interação estimados. Os resultados revelaram que as CALOn predizem significativamente os próprios CAL ( $b = 0,17$ ,  $EP = 0,04$ ,  $p < .001$ ). Adicionalmente, a MPROn não teve um efeito significativo nos CAL ( $b = -.04$ ,  $EP = 0,04$ , BootIC 95% [-.09, .02],  $p = .18$ ). Não se verificou um efeito direto estatisticamente significativo das CALOn sobre o estigma ( $b = 0,14$ ,  $EP = 0,08$ ,  $p = .07$ ). No entanto, foi identificado um efeito indireto significativo, mediado pelos CAL, de magnitude média ( $abcs = 0,10$ ,  $bootSE = 0,03$ , BootIC 95% [0,04, 0,19]), o que sustenta a existência de uma mediação parcial.

**Tabela 5***Efeitos Diretos e de Interação Sobre a Variável Mediadora CAL*

Variável	<i>b</i>	EP	95% Boot IC [LLCI, ULCI]	<i>p</i>
CALOn	0.17	.04	[0.08, 0.26]	< .001
MPROn	-.04	.03	[-.09, .02]	.18
CALOn. × MPROn	-0.12	.04	[-0.20, -0.04]	0.004

*Nota.* *b*: coeficiente estandardizado; *EP*: erro padrão; *BootIC*: intervalo de confiança obtido por bootstrapping (5000 amostras); *p*: valor de significância; CALOn: Atividades Online relacionadas com Comportamentos Autolesivos; CAL: Comportamentos Autolesivos; MPROn: Mediação Parental Online

A Tabela 6 apresenta os efeitos indiretos condicionais das CALOn sobre o estigma em relação aos CAL, através dos CAL, para diferentes níveis de MPROn. Para níveis baixos de MPROn, observou-se uma mediação parcial, com um efeito indireto de magnitude média ( $abcs = .16$ ,  $bootSE = .05$ ,  $BootIC$  95% [.07, .27]). Para níveis moderados de MPROn, o efeito indireto também se revelou significativo, embora de menor magnitude ( $abcs = .10$ ,  $bootSE = .04$ ,  $BootIC$  95% [.04, .19]). Para níveis elevados de MPROn, o efeito deixou de ser significativo ( $abcs = .04$ ,  $bootSE = .03$ ,  $BootIC$  95% [-.01, .10]).

Adicionalmente, o índice de mediação moderada foi significativo ( $\acute{I}ndice = -.07$ ,  $BootIC$  95% [-0.12, -0.03]), indicando que o efeito indireto das CALOn sobre o estigma em relação aos CAL, através dos CAL, variou significativamente consoante os níveis de MPROn. O efeito revelou-se mais forte quando estes níveis eram baixos ou médios.

**Tabela 6.**

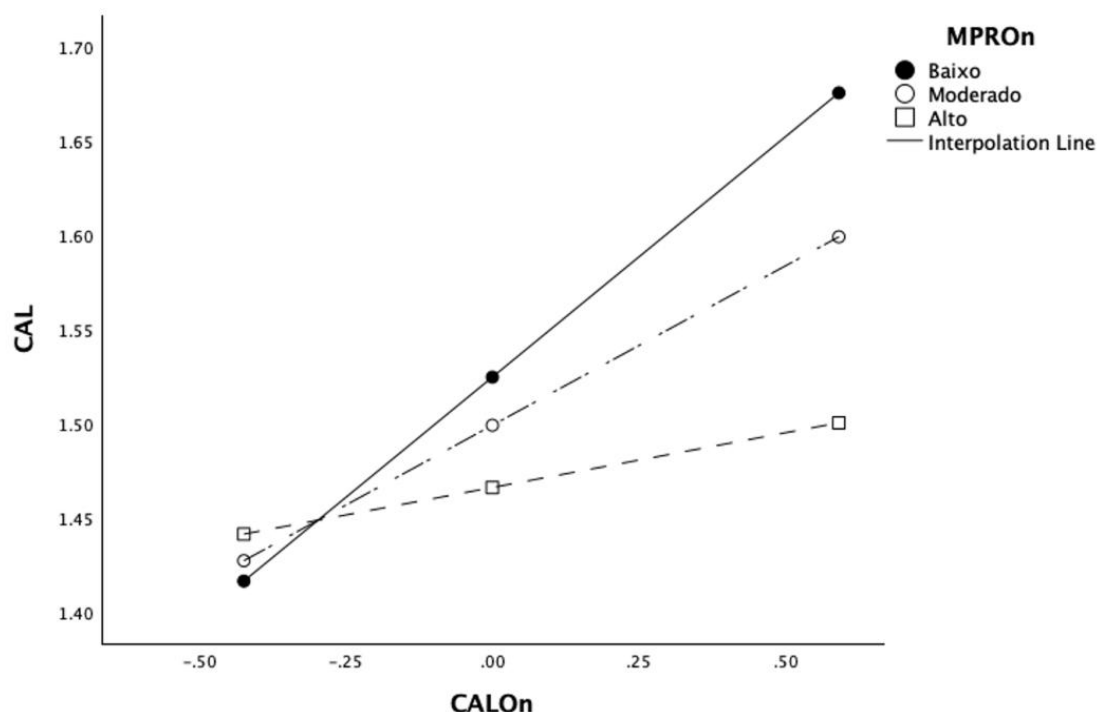
*Efeitos Indiretos Condicionais do CALOn sobre o Estigma para Diferentes Níveis de MPROn*

<b>MPROn</b>	<b><i>b</i></b>	<b>BootEP</b>	<b>95% Boot IC [LLCI, ULCI]</b>
-.73	.16	.05	[.08, .27]
.00	.10	.04	[.04, .19]
.95	.04	.03	[-.01, .10]

*Nota.* MPROn: Mediação Parental Restritiva Online; *b*: valores estandardizados; BootEP = erro padrão obtido por bootstrapping (5000 amostras); BootIC = Intervalo de Confiança Obtido por bootstrapping (5000 amostras)

**Figura 2.**

*Interação entre CALOn e MPROn na Previsão de CAL*



*Nota.* CAL: Comportamentos Autolesivos; CALOn: Atividades Online relacionadas com Comportamentos Autolesivos; MPROn: Mediação Parental Restritiva Online

### **Análises Exploratórias**

Por fim, foram realizadas análises adicionais e exploratórias. Os dados revelaram que o envolvimento em diferentes CALOn (e.g., visualizar conteúdos, partilhar conteúdos, etc.)

explica 3% da variância total do estigma em relação aos CAL ( $R^2$  ajustado = .033),  $F(5, 277) = 2.93, p = .013$ . O único preditor significativo foi a criação e partilha de conteúdos online, que se associou a níveis mais elevados de estigma sobre os CAL ( $\beta = .15, EP = .112, t = 2.13, p = .034$ ). A visualização de conteúdos online ( $\beta = .13, EP = .054, t = 1.90, p = .058$ ) e a partilha de conteúdos ( $\beta = -.14, EP = .091, t = -1.82, p = .070$ ) apresentaram efeitos marginais. As restantes atividades não se revelaram significativas ( $p > .05$ ).

Adicionalmente, os resultados mostraram que o envolvimento em diferentes CALOn explica 5% da variância total dos CAL ( $R^2$  ajustado = .046),  $F(4, 539) = 6.52, p < .001$ . Entre os preditores, apenas “conversar online sobre estes comportamentos com pessoas que só conheço online” foi significativo ( $\beta = .14, EP = .027, t = 2.78, p = .006$ ), associando-se a uma maior frequência de CAL. As restantes atividades não apresentaram efeitos estatisticamente significativos ( $p > .05$ ).

Os dados mostraram ainda que o envolvimento em CALOn explica 2,1% da variância da variável tentativa de suicídio ( $R^2$  ajustado = .021),  $F(1, 542) = 12.92, p < .001$ . Verificou-se que a frequência de CALOn constituiu um preditor positivo e significativo de tentativas de suicídio ( $\beta = .15, EP = .05, t = 3.59, p < .001$ ), indicando que maiores níveis de envolvimento nestas atividades estão associados a uma maior probabilidade de ocorrência deste comportamento.

Os resultados indicaram também que a identificação com criadores de conteúdos CAL online e com criadores de conteúdos a favor dos CAL predizem a frequência das CALOn. O modelo final obtido por regressão linear múltipla *stepwise* foi estatisticamente significativo,  $F(2, 269) = 14.28, p < .001$ , explicando 9,6% da variância das CALOn ( $R^2 = .096; R^2$  ajustado = .089). A identificação com criadores de conteúdos CAL foi um preditor significativo ( $B = 0.082, EP = 0.032, \beta = .17, t = 2.54, p = .012$ ), tal como a identificação com criadores de conteúdos a favor dos CAL ( $B = 0.091, EP = 0.032, \beta = .19, t = 2.84, p = .005$ ). A identificação com criadores de conteúdos contra os CAL não apresentou um efeito significativo ( $p > .05$ ).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes que se envolvem em CALOn a favor e contra os CAL nos níveis de estigma,  $t(22) = 3.19, p = .004, d = .64$ . no sentido em que os adolescentes do grupo contra os CAL ( $M = 3.76, DP = 0.55$ ) apresentaram níveis mais elevados de estigma em comparação com os adolescentes do grupo a favor ( $M = 2.90, DP = 0.76$ ). A magnitude do efeito encontrado, de acordo com os critérios de Cohen (1988), é moderada. Por outro lado, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos contra os CAL e a favor dos CAL no que respeita à frequência dos CAL,  $t(44) = 0.58, p = .562, d = 0.18$ .

## Discussão

### O Papel Mediador dos Comportamentos Autolesivos na Relação entre as Atividades Online e o Estigma

O presente estudo teve como objetivo analisar o impacto das CALOn e a forma como os pais podem atenuá-lo. Os resultados obtidos mostram que o efeito direto entre as CALOn e o estigma em relação aos CAL não é estatisticamente significativo, apesar do resultado estar próximo do limiar da significância estatística, mostrando uma tendência para níveis elevados de CALOn associarem-se a níveis superiores de estigma experienciado. Assim, a hipótese 1 não foi suportada, sugerindo que a relação entre o envolvimento em CALOn e o estigma em relação aos CAL poderá não ocorrer de forma direta, mas sim através de outras variáveis.

No que diz respeito à relação entre as CALOn e os CAL, esta mostrou-se significativa e positiva. Este resultado vai ao encontro da literatura anterior, que indica que maior envolvimento em CALOn contribui para o aumento dos CAL (Nesi et al., 2021a; Susi et al., 2023). Esta relação pode ser explicada por um conjunto de mecanismos, tais como a normalização e a diminuição da aversão aos CAL (Brennan et al., 2022; Lewis & Seko, 2016; Marchant et al., 2017; Stănicke et al., 2024), o potencial desenvolvimento de uma identidade de “autolesionador” (Nesi et al., 2021a; Susi et al., 2023), dinâmicas de comparação, competição, encorajamento e reforço social positivo (Biddle et al., 2018; Harris & Roberts, 2013), aprendizagem de novos métodos, exposição a *triggers* (Brown et al., 2020; Jacob et al., 2017; Susi et al., 2023), bem como menor procura de ajuda especializada (Brown et al., 2020).

Assim, os resultados do presente estudo, ao mostrarem que as CALOn estão associadas a um aumento dos CAL, divergem da evidência anterior que sugere que o envolvimento com estes conteúdos e atividades pode desempenhar um papel protetor. Alguns estudos propõem que as CALOn podem funcionar como uma forma de substituição dos impulsos autolesivos, contribuindo para a diminuição dos CAL (Baker & Lewis, 2013). Outras investigações destacam que o desenvolvimento de uma comunidade online de apoio e o recebimento de mensagens e conselhos que incentivam a recuperação podem contribuir para a redução dos CAL e para a promoção da recuperação (Dyson et al., 2016; Lewis & Seko, 2016). No entanto, estes efeitos protetores não se verificaram nos dados do presente estudo, o que sugere que o envolvimento com CALOn poderá estar mais associado a riscos do que a mecanismos de proteção.

A relação entre os CAL e o estigma revelou-se estatisticamente significativa, mostrando que a maior frequência de CAL está associada a maior estigma em relação aos CAL, o que vai

ao encontro da literatura anterior (Jackman et al., 2018). Além disso, os dados vão ao encontro da literatura que sugere que os CAL são comportamentos estigmatizados (e.g. Burke et al., 2019; Law et al., 2009; Lloyd et al., 2018) e que os indivíduos com estas práticas experienciam estigma interno (Piccirillo et al., 2020). Os nossos resultados não estão em linha com autores que sugerem que aqueles com CAL não sentem estigma interno, devido aos efeitos reforçadores dos comportamentos (Klonsky, 2009), à menor aversão aos CAL (Franklin et al., 2014) e a um enviesamento positivo em relação ao grupo de pertença (Piccirillo et al., 2020).

Os resultados mostram a presença de um efeito indireto significativo entre as CALOn e o estigma, mediado pelos CAL, confirmando a hipótese 2. Esta mediação sugere que as CALOn contribuem para um aumento dos CAL e que estes, por sua vez, estão associados a maiores níveis de estigma em relação aos CAL. Assim, o impacto da CALOn no estigma ocorre de forma indireta, através do envolvimento com CAL.

### **Mediação Parental Online como Moderador da Relação entre Atividades Online e Comportamentos Autolesivos**

A ausência de um efeito direto significativo da MPROn nos CAL pode indicar que a MPROn exercida pelos pais não está em conformidade com a supervisão parental tradicional, a offline, uma vez que estudos anteriores propõe que a supervisão parental offline é um fator protetor em relação aos CAL (Victor et al., 2019).

Verificou-se que o efeito indireto das CALOn sobre o estigma em relação aos CAL, através dos CAL, varia significativamente em função dos níveis de MPROn. Estes resultados sugerem que, em contextos de menor MPROn, o envolvimento com CALOn contribui mais fortemente para o aumento do estigma em relação aos CAL, através do aumento dos próprios CAL, confirmando assim a Hipótese 3. A literatura tem sugerido que a família desempenha um papel protetor, estando associada a menores níveis de comportamentos de risco e experiências negativas online (Álvarez-García et al., 2018; Lee, 2013; Livingstone & Helsper, 2008). No presente estudo, a MPROn revelou-se um fator moderador protetor, ao atenuar a relação entre as CALOn e os CAL.

Possíveis explicações para este efeito moderador incluem o facto de os pais, ao proibirem e limitarem determinados conteúdos e interações online, poderem promover maior cautela nos filhos, aumentar as suas preocupações em relação ao uso da internet, bem como a perceção de perigo e comportamentos de evitamento (Dedkova & Mýlek, 2023; Liu et al., 2013; Steinfeld, 2021). Estes mecanismos podem contribuir para que, mesmo perante a exposição a conteúdos CAL no contexto online, o impacto desta exposição nos CAL seja menos acentuado.

Além disso, a MPROn tem sido associada a maior conhecimento parental sobre as atividades online, o que pode facilitar a orientação e o apoio aos filhos (Cerna et al., 2016) e, assim, atenuar a associação positiva entre CALOn e CAL. Evidência anterior também identificou uma associação negativa entre medidas restritivas e o tempo despendido online devido às regras impostas pelos pais (Dedkova & Mýlek, 2023), o que pode interromper padrões de exposição prolongada, frequentemente associados a efeitos negativos, como a normalização da autolesão, a diminuição da influência externa e a redução da aversão ao comportamento. Assim, estes fatores podem contribuir para que a MPROn atenuo o impacto das CALOn nos CAL, reforçando o seu potencial papel protetor durante a adolescência, divergindo da literatura que sugere que estas estratégias são pouco eficazes nesta faixa etária (e.g., Nathanson, 2002).

### **Análise Exploratórias**

Os resultados obtidos sugerem que as CALOn se associam ao estigma em relação aos CAL entre adolescentes, o que vai ao encontro da literatura (e.g. Nesi et al., 2021a). No entanto, apenas a atividade de “criação e partilha de conteúdos online” surgiu como preditor significativo do estigma. Uma possível explicação é que os adolescentes que produzem conteúdos relacionados com CAL estão mais expostos a comentários depreciativos ou críticas, o que intensifica a experiência de estigma (Lewis & Seko, 2016). Adicionalmente, as medidas de regulação das plataformas digitais, que frequentemente removem publicações sobre autolesão, podem contribuir para sentimentos de rejeição, vergonha e estigma (Brown et al., 2020). Outra hipótese é que a própria produção de conteúdos CAL, em muitos casos, implica também o envolvimento em CAL, sendo que a maior frequência destes comportamentos se associa a níveis mais elevados de estigma interno (Jackman et al., 2018).

No que diz respeito ao impacto dos CALOn nos próprios CAL, apenas a atividade de “conversar online com pessoas conhecidas online” se revelou um preditor significativo, associando-se a uma maior frequência de CAL. Conversar sobre CAL com conhecidos online pode estar associado ao aumento da frequência destes comportamentos, através de mecanismos como o sentimento de pertença a uma comunidade (Jacob et al., 2017; Lavis & Winter, 2020), a normalização da autolesão (Brennan et al., 2022) e a diminuição do pedido de ajuda formal (Jacob et al., 2017; Lavis & Winter, 2020).

Os dados revelaram que o envolvimento com CALOn é um preditor de tentativas de suicídio, sugerindo que pode constituir um fator de risco. Este resultado vai ao encontro de literatura anterior que mostra uma associação positiva entre o envolvimento em CALOn, a intenção suicida e o risco de suicídio (Branley & Covey, 2017; Susi et al., 2023). Estas

associações podem ser explicadas porque alguns usuários destas plataformas veem o suicídio como desejável (John et al., 2018) e encorajam a autolesão mais severa e tentativas de suicídio (Biddle et al., 2018; Padmanathan et al., 2018). Além disso, evidência anterior mostra que adolescentes aprendem novos métodos CAL online (Brown et al., 2020; Jacob et al., 2017), o que é um fator de risco significativo para tentativas de suicídio (Duarte et al., 2020). A exposição contínua a este tipo de conteúdo também pode reduzir o medo da morte e aumentar a capacidade adquirida para o suicídio (Smith et al., 2010), fatores que elevam significativamente o risco do mesmo (Arendth et al., 2019).

Os dados mostraram que a identificação com criadores de conteúdos online sobre CAL e, em particular com criadores de conteúdos a favor destes comportamentos, prediz de forma significativa o envolvimento em CALOn. Este resultado sugere que os adolescentes que se sentem semelhantes a pessoas que produzem este tipo de conteúdos tendem a envolver-se mais nestas práticas. Tal resultado está em linha com estudos que indicam que, no espaço online, os adolescentes estabelecem laços com outros com quem se identificam e com quem partilham experiências semelhantes (Mitchell & Ybarra, 2007; Stänicke et al., 2024). Esta identificação favorece o sentimento de pertença a um grupo (Jacob et al., 2017; Lavis & Winter, 2020; Susi et al., 2023), o que pode intensificar o envolvimento em CALOn.

Por outro lado, a ausência de uma associação significativa entre a identificação com criadores de conteúdos contra os CAL e a frequência de CALOn poderá indicar que mensagens de caráter preventivo têm um impacto mais reduzido na adesão dos adolescentes a estas comunidades. Como estes conteúdos tendem a incentivar a recuperação, a procura de ajuda e a adoção de estratégias de *coping* mais adaptativas (Lewis & Seko, 2016), é possível que levem os utilizadores a afastarem-se desses espaços. Além disso, mensagens preventivas parecem exercer uma influência menor quando comparadas com conteúdos a favor dos CAL, que promovem dinâmicas de encorajamento, competição e comparação, e que apresentam a autolesão de forma positiva.

Os resultados obtidos indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas nos níveis de estigma entre adolescentes, consoante o tipo de conteúdos online relacionados com CAL (a favor ou contra) com que se envolvem. Em particular, verificou-se que os adolescentes que se envolvem com conteúdos contra os CAL apresentam níveis de estigma significativamente mais elevados do que aqueles que se envolvem com conteúdos a favor destes comportamentos. A maior presença de estigma grupo contra os CAL poderá estar associada a uma visão mais negativa destes comportamentos e o incentivo à procura de ajuda e recuperação (Lewis & Seko, 2016). Estes adolescentes tendem a não perceberem os CAL

como desejáveis, ao contrário do que pode ocorrer entre aqueles que interagem com conteúdos a favor dos CAL (Biddle et al., 2018; John et al., 2018; Padmanathan et al., 2018).

Por fim, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que respeita à frequência dos CAL. De facto, conteúdos a favor dos CAL têm sido associados a vários mecanismos, como comparação social, competição, *triggering* e aprendizagem de novos métodos, entre outros, que podem contribuir para o aumento destes comportamentos (Seko et al., 2015). No entanto, também conteúdos contra os CAL podem estar relacionados à manutenção e aumento dos CAL, através de sentimentos de pertença e apoio, menores pedidos de ajuda formal e especializada, e reforço social positivo, devido à atenção e validação que os indivíduos recebem nesses espaços (Lewis & Seko, 2016). Assim, estes resultados reforçam a ideia de que a influência das CALOn é complexa, não se limitando a uma relação direta entre o tipo de conteúdo e a frequência dos comportamentos (Brennan et al., 2022).

### **Implicações Práticas**

O presente estudo pretendeu contribuir para clarificar algumas potenciais consequências negativas do envolvimento com CALOn e o papel dos pais na atenuação dos riscos associados a estas atividades. A maioria dos adolescentes neste estudo reportou a presença de pelo menos um CAL ao longo da vida e uma percentagem elevada de participantes reportaram terem realizado pelo menos um tipo de CALOn. Estes dados vão no mesmo sentido da literatura anterior (e.g., Hawton et al., 2012; Reddy et al., 2016; Marchant et al., 2017).

Dito isto, o estudo das CALOn tem implicações no contexto clínico e é relevante para criação de políticas, programas preventivos e interventivos. Primeiramente, é pertinente que os profissionais de saúde tenham conhecimento destes resultados, particularmente na auscultação de adolescentes e compreendam como o uso do online é vivenciado por jovens com CAL e como é que estas atividades podem ser nocivas para os mesmos (Sternudd, 2011).

Ao nível da prevenção, uma das práticas deve centrar-se na promoção de estratégias de regulação emocional em adolescentes. As dificuldades de regulação emocional são um dos motivadores dos CAL nesta faixa etária. Assim, é necessário assegurar que os jovens aprendam estratégias de *coping* adaptativas que lhes permitam lidar com diferentes problemas, contribuindo para a prevenção de riscos no contexto digital, incluindo as CALOn (Wachs et al., 2020).

Para além disso, os resultados mostraram que os jovens com CAL experienciam estigma. Desta forma, é importante implementar intervenções com foco na psicoeducação, de modo a atenuar o estigma relacionado com estas práticas, inclusive entre profissionais de saúde,

professores e pais (Berger et al., 2013), uma vez que atitudes negativas em relação aos CAL resultam, pelo menos em parte, da falta de conhecimento e compreensão sobre estes comportamentos (Knipe et al., 2022).

Com o estudo das CALOn também compreendemos que um fator que torna estas atividades apelativas para os adolescentes é a possibilidade do anonimato (Brown et al., 2020; Nesi et al., 2018). Assim, este aspeto deve ser tido em consideração, implementando terapias online que garantam a mesma possibilidade, ou técnicos usarem a secção de comentários nestes conteúdos para promover atitudes de esperança, motivar a recuperação, incentivar a procura de ajuda profissional e fornecer informações factuais (Brown et al., 2020).

Por fim, os resultados evidenciam a relevância do papel dos pais no contexto das CALOn, salientando a importância de manterem controlo e conhecimento sobre as atividades na internet dos seus filhos. Desta forma, é pertinente a criação de programas de literacia digital parental, para que os pais compreendam melhor o envolvimento dos filhos com a internet, os perigos do digital e adotem estratégias para controlar a utilização do online dos seus filhos, como softwares de filtragem e monitorização (Lee, 2013; Livingstone, 2009). Recomenda-se que estes programas não se foquem apenas na proteção dos filhos contra atividades negativas online, mas também incluam formas de capacitar as crianças e adolescentes, incentivando o pensamento crítico e a tirarem partido das oportunidades oferecidas pelo online (Lee, 2013; Mendonza, 2009), colmatando assim as consequências negativas das medidas restritivas.

### **Pontos Fortes, Limitações e Estudos Futuros**

O presente estudo apresenta inúmeros pontos fortes. Primeiramente, aborda um tema de elevada pertinência, dada a elevada prevalência dos CAL na adolescência (Gouveia Pereira, 2022) e o crescimento das CALOn (Daine et al., 2013; Gillies et al., 2018; Jacob et al., 2017), que contribuem para a manutenção das autolesões (Branley & Covey, 2017; Susi et al., 2023). Neste sentido, compreender de que forma estas atividades afetam os adolescentes e qual o papel dos pais na atenuação do seu impacto constitui um contributo relevante.

Além disso, como pontos fortes, destaca-se o carácter inovador do estudo, ao explorar áreas de investigação ainda pouco estudadas e negligenciadas. Primeiramente, as CALOn, cuja investigação científica ainda é escassa, por ser uma área recente, principalmente em Portugal (Gonçalves, 2022). De igual modo, a parentalidade digital constitui uma área emergente e de elevada relevância (Nichols & Selim, 2022) e é especialmente importante investigar a mediação parental online restritiva, dados os resultados inconsistentes na literatura. Também o estigma em relação aos CAL é negligenciado na investigação (Staniland et al., 2022), apesar das suas implicações para a saúde mental, nomeadamente nos adolescentes. Além disso,

desconhecemos estudos no plano nacional e internacional que investiguem o papel da MPROn nas CALOn.

Não obstante os pontos fortes supramencionados, o presente estudo também apresenta limitações. Primeiramente, os resultados basearam-se em respostas de autorrelato de adolescentes em contexto de sala de aula, o que pode implicar enviesamentos de resposta, tais como viés de confirmação e desejabilidade social, comuns nesta população. Assim, recomenda-se que estudos futuros incluam medidas complementares, nomeadamente entrevistas, que permitam recolher informação a partir de outras fontes, incluindo os pais.

Adicionalmente, o presente estudo é de natureza exploratória, transversal e correlacional, não permitindo determinar relações de causalidade. Assim, são necessários estudos longitudinais que explorem e investiguem estas questões. Em particular, a relação entre o estigma e as CALOn pode ser bidirecional, ou seja, o estigma percecionado pode motivar os adolescentes a direcionarem-se para o online, ou o online pode influenciar o estigma em relação aos CAL entre os adolescentes.

Apesar de ter sido possível reunir uma amostra homogénea e de tamanho razoável, esta concentrou-se maioritariamente na Área Metropolitana de Lisboa e as respostas foram recolhidas exclusivamente em estabelecimentos de ensino públicos. Assim, seria importante que investigações futuras incluíssem também adolescentes de outras áreas do país e do ensino privado, bem como populações clínicas, de forma a garantir uma maior representatividade e diversidade da amostra.

Adicionalmente, recomenda-se que estudos futuros procedam à validação dos instrumentos utilizados, uma vez que algumas medidas foram criadas especificamente para o projeto e a sua validade não foi testada.

Ademais, algumas análises realizadas tiveram carácter exploratório, logo devem ser exploradas mais aprofundadamente em estudos futuros.

Seria igualmente relevante incluir outras variáveis familiares no modelo proposto. Por exemplo, estudos anteriores mostram que uma comunicação deficiente entre pais e filhos e a vinculação parental influenciam o envolvimento em comportamentos de risco e experiências negativas online (Boniel-Nissim & Sasson, 2018; Zhu et al., 2019), assim seria interessante a inclusão dessas variáveis.

Por fim, seria pertinente que estudos futuros verificassem se existem diferenças significativas quanto aos tipos de mediação parental (i.e. ativa e restritiva) relativamente ao envolvimento com CALOn.

## Referências

- Álvarez-García, D., García, T., & Suárez-García, Z. (2018). The Relationship between Parental Control and High-Risk Internet Behaviours in Adolescence. *Social Sciences*, 7(6), 87. <https://doi.org/10.3390/socsci7060087>
- American Psychiatric Association. (2023). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais, 5ª edição: DSM-5-TR* (texto revisto). Climepsi.
- Austin, E. W. (1993). Exploring the effects of active parental mediation of television content. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 37(2), 147–158. <https://doi.org/10.1080/08838159309364212>
- Arendt, F., Scherr, S., Romer, D., et al. (2019). Effects of exposure to self-harm on social media: Evidence from a two-wave panel study among young adults. *New Media and Society*, 21(11–12), 2422–2442. <https://doi.org/10.1177/1461444819850106>
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84(2), 191–215. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Baker, T. G., & Lewis, S. P. (2013). Responses to Online Photographs of Non-Suicidal Self-Injury: A Thematic Analysis. *Archives of Suicide Research*, 17(3), 223–235. <https://doi.org/10.1080/13811118.2013.805642>
- Bentley, H., Burrows, A., Clarke, L., Gillgan, A., Glen, J., Hafizi, M., Letendrie, F., Miller, P., O'Hagan, O., Patel, P., Peppiate, J., Stanley, K., Starr, E., Vasco, N., & Walker, J. (2018). *How safe are our children? The most comprehensive overview of child protection in the UK 2018*. National Society for the Prevention of Cruelty to Children.
- Berger, E., Hasking, P., & Martin, G. (2013). “Listen to them”: Adolescents’ views on helping young people who self-injure. *Journal of Adolescence*, 36, 935–945. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.07.011>
- Biddle, L., Derges, J., Goldsmith, C., Donovan, J. L., & Gunnell, D. (2018). Using the internet for suicide-related purposes: Contrasting findings from young people in the community and self-harm patients admitted to hospital. *PLoS one*, 13(5), e0197712. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0197712>
- Boergers, J., Spirito, A., & Donaldson, D. (1998). Reasons for adolescent suicide attempts: Associations with psychological functioning. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 37(12), 1287–1293. <https://doi.org/10.1097/00004583-199812000-00012>

- Boniel-Nissim, M., & Sasson, H. (2018). Bullying victimization and poor relationships with parents as risk factors of problematic internet use in adolescence. *Computers in human Behavior*, *88*, 176-183. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.05.041>
- Branley, D. B., & Covey, J. (2017). Is exposure to online content depicting risky behavior related to viewers' own risky behavior offline?. *Computers in Human Behavior*, *75*, 283-287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.05.023>
- Brennan, C., Saraiva, S., Mitchell, E., Melia, R., Campbell, L., King, N., & House, A. (2022). Self-harm and suicidal content online, harmful or helpful? A systematic review of the recent evidence. *Journal of Public Mental Health*, *21*(1), 57-69. <https://doi.org/10.1108/JPMH-09-2021-0118>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. *Annals of Child Development*, *6*, 187-24
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives of human development*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Brown, R.C., Fischer, T., Goldwich, A.D., Keller, F., Young, R., & Plener, P.L. (2018) #cutting: Non-suicidal self-injury (NSSI) on Instagram. *Psychol Med*, *48*(2), 337– 46. <https://doi.org/10.1017/S0033291717001751>
- Brown, R. C., Fischer, T., Goldwich, D. A., & Plener, P. L. (2020). "I just finally wanted to belong somewhere"-Qualitative Analysis of Experiences With Posting Pictures of Self-Injury on Instagram. *Frontiers in psychiatry*, *11*, 274. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00274>
- Burke, T.A., Olino, T.M., & Alloy, L.B. (2017). Initial psychometric validation of the non-suicidal self-injury scar cognition scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *39*, 546–562. <https://doi.org/10.1007/s10862-017-9595-9>
- Burke T.A., Piccirillo M.L., Moore-Berg S.L., Alloy L.B., & Heimberg R.G. (2019). The stigmatization of nonsuicidal self-injury. *Journal of Clinical Psychology*, *75*, 481–498. <https://doi.org/10.1002/jclp.22713>
- Bybee, C. R., Robinson, D., & Turow, J. (1982). Determinants of parental guidance of children's television viewing for a special subgroup: Mass media scholars. *Journal of Broadcasting*, *26*(3), 697–710. <https://doi.org/10.1080/08838158209364038>
- Caivano, O., Leduc, K., & Talwar, V. (2020). When you think you know: The effectiveness of restrictive mediation on parental awareness of cyberbullying experiences among

- children and adolescents. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 14(1), Article 2. <https://doi.org/10.5817/CP2020-1-2>
- Cerna, A., Machackova, H., & Dedkova, L. (2016). Whom to trust: The role of mediation and perceived harm in support seeking by cyberbullying victims. *Children & Society*, 30(4), 265-277. <https://doi.org/10.1111/chso.12136>
- Cernikova, M., Dedkova, L., & Smahel, D. (2018). Youth interaction with online strangers: Experiences and reactions to unknown people on the Internet. *Information, Communication & Society*, 21(1), 94-110. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1261169>
- Chandra, A., & Minkovitz, C. S. (2007). Factors that influence mental illness stigma among 8th grade adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 36, 763-774. <https://doi.org/10.1007/s10964-006-9091-0>.
- Chen, V. H. H., & Chng, G. S. (2016). Active and restrictive parental mediation over time: Effects on youths' self-regulatory competencies and impulsivity. *Computers and Education*, 98, 206-212. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2016.03.012>
- Cho, Y. & Bae, J. (2010) Study on parental mediation of children's digital media use within the home environment. *Media, Gender & Culture*, 13, 37-74.
- Clement, S., Brohan, E., Jeffery, D., Henderson, C., Hatch, S. L., & Thornicroft, G. (2012). Development and psychometric properties the Barriers to Access to Care Evaluation scale (BACE) related to people with mental ill health. *BMC psychiatry*, 12, 36. <https://doi.org/10.1186/1471-244X-12-36>
- Cohen, J. (1988). The effect size. *Statistical power analysis for the behavioral sciences*, 77-83.
- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2007). Adolescent development in interpersonal context. In W. Damon, R. M. Lerner, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology* (pp. 1003-1049). John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0316>.
- Corrigan, P. W. (2000). Mental health stigma as social attribution: Implications for research methods and attitude change. *Clinical psychology: science and practice*, 7(1), 48. <https://doi.org/10.1093/clipsy.7.1.48>
- Corrigan, P. W., & Watson, A. C. (2002). Understanding the impact of stigma on people with mental illness. *World psychiatry : official journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 1(1), 16-20.
- Corrigan, P. W., & Watson, A. C. (2002b). The paradox of self-stigma and mental illness. *Clinical psychology: Science and practice*, 9(1), 35.

- Corrigan, P. W., & Fong, M. W. M. (2014). Competing perspectives on erasing the stigma of illness: What says the dodo bird? *Social Science & Medicine*, *103*, 110–117. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.05.027>
- Daine, K., Hawton, K., Singaravelu, V., Stewart, A., Simkin, S., & Montgomery, P. (2013). The power of the web: a systematic review of studies of the influence of the internet on self-harm and suicide in young people. *PloS one*, *8*(10), e77555. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0077555>
- De Ayala López, M. C. L., Haddon, L., Catalina-García, B., & Martínez-Pastor, E. (2020). The dilemmas of parental mediation: Continuities from parenting in general. *Observatorio*, *14*(4), 119–134. <https://doi.org/10.15847/obsOBS14420201636>
- De Choudhury, M., & Kıcıman, E. (2018). Integrating online and offline data in complex, sensitive problem domains: Experiences from mental health. *Menlo Park-Association for the Advancement of Artificial Intelligence*. <https://doi.org/10.1609/aimag.v39i3.2815>
- Denton, E., & Álvarez, K. (2024). The global prevalence of nonsuicidal self-injury among adolescents. *JAMA Network Open*, *7*(6), e2415406. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2024.15406>
- Dyson, M. P., Hartling, L., Shulhan, J., Chisholm, A., Milne, A., Sundar, P., Scott, S. D., & Newton, A. S. (2016). *A Systematic Review of Social Media Use to Discuss and View Deliberate Self-Harm Acts*. *PLOS ONE*, *11*(5), e0155813. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0155813>
- Dedkova, L., & Mýlek, V. (2023). Parental mediation of online interactions and its relation to adolescents' contacts with new people online: The role of risk perception. *Information, Communication & Society*, *26*(16), 3179-3196. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2022.2146985>
- Dorr, A., Kovaric, P., & Doubleday, C. (1989). Parent-child coviewing of television. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, *33*(1), 35–51. <https://doi.org/10.1080/08838158909364060>
- Duarte, E., Gouveia-Pereira, M., & Gomes, H. S. (2019a). Development and factorial validation of the inventory of deliberate self-harm behaviours for Portuguese adolescents. *Psychiatric quarterly*, *90*(4), 761-776. <https://doi.org/10.1007/s11126-019-09660-1>
- Duarte, E., Gouveia-Pereira, M., Gomes, H. S., & Sampaio, D. (2019b). Social representations about the functions of deliberate self-harm: Construction and validation of a

- questionnaire for Portuguese adolescents. *Journal of Personality Assessment*, 102(3), 405–414. <https://doi.org/10.1080/00223891.2018.1557667>
- Duarte, T. A., Paulino, S., Almeida, C., Gomes, H. S., Santos, N., & Gouveia-Pereira, M. (2020). Self-harm as a predisposition for suicide attempts: A study of adolescents' deliberate self-harm, suicidal ideation, and suicide attempts. *Psychiatry research*, 287, 112553. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112553>
- Erikson, E.H. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. W W Norton & Co.
- Erlangsen, A., Appadurai, V., Wang, Y., Turecki, G., Mors, O., Werge, T., Mortensen, P. B., Starnawska, A., Børglum, A. D., Schork, A., Nudel, R., Bækvad-Hansen, M., Bybjerg-Grauholm, J., Hougaard, D. M., Thompson, W. K., Nordentoft, M., & Agerbo, E. (2020). Genetics of suicide attempts in individuals with and without mental disorders: A population-based genome-wide association study. *Molecular Psychiatry*, 25(10), 2410–2421. <https://doi.org/10.1038/s41380-018-0218-y>
- Evans, E., Hawton, K., & Rodham, K. (2004). Factors associated with suicidal phenomena in adolescents: A systematic review of population-based studies. *Clinical Psychology Review*, 24(8), 957–979. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.04.005>
- Fergusson, D. M., Horwood, L. J., Ridder, E. M., & Beautrais, A. L. (2005). Suicidal behaviour in adolescence and subsequent mental health outcomes in young adulthood. *Psychological Medicine*, 35(7), 983–993. <https://doi.org/10.1017/S0033291704004167>
- Fortune, S., Sinclair, J., & Hawton, K. (2008). Help-seeking before and after episodes of self-harm: a descriptive study in school pupils in England. *BMC public health*, 8, 1-13. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-8-369>
- Franklin, J. C., Puzia, M. E., Lee, K. M., & Prinstein, M. J. (2014). Low implicit and explicit aversion toward self-cutting stimuli longitudinally predict nonsuicidal self-injury. *Journal of abnormal psychology*, 123(2), 463–469. <https://doi.org/10.1037/a0036436>
- Fuschini, B., Duarte, E., P. Miranda, M., & Gouveia-Pereira, M. (2024). From Family Conflicts to Suicide Risk Through Deliberate Self-Harm Online Content in Adolescents and Young Adults. *European Journal of Mental Health*, 19, e0030, 1–14. <https://doi.org/10.5708/EJMH.19.2024.0030>
- Gómez Guadix, M., Mateos Pérez, E., Wachs, S., & Blanco, M. (2022). Self-harm on the internet among adolescents: Prevalence and association with depression, anxiety, family cohesion, and social resources. *Psicothema*, 34(2). <http://hdl.handle.net/10810/72062>

- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. London: Penguin Books.
- Gonçalves, B. F. (2022). *O mundo online dos comportamentos autolesivos: As relações entre as representações online dos comportamentos autolesivos e a sua severidade e diversidade, ideação suicida e a identificação na adolescência* (Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida – ISPA).
- Gouveia-Pereira, M., Duarte, E., Gomes, H. S., da Silva, C. T., & Santos, N. (2022). Exploring the suicidal continuum: Deliberate self-harm diversity and severity as predictors of suicidal ideation and suicide attempts. *Psychiatry Research*, *309*, 114400. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2022.114400>
- Garisch, J. A., & Wilson, M. S. (2015). Prevalence, correlates, and prospective predictors of non-suicidal self-injury among New Zealand adolescents: Cross-sectional and longitudinal survey data. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, *9*, 28. <https://doi.org/10.1186/s13034-015-0055-6>.
- Gillies, D., Christou, M. A., Dixon, A. C., Featherston, O. J., Rapti, I., García-Anguaita, A., Villasis-Keever, M., Reebye, P., Christou, E., & Al Kabir, N. (2018). Prevalence and characteristics of self-harm in adolescents: Meta-analyses of community-based studies 1990-2015. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *57*(10), 733-741. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2018.06.018>
- Giménez, A. M., Luengo, J. A., & Bartrina, M. (2017). What are young people doing on Internet? Use of ICT, parental supervision strategies and exposure to risks. <https://doi.org/10.14204/ejrep.43.16123>
- Global Burden of Disease Collaborative Network. (2020). *Global Burden of Disease study 2019 (GBD 2019) results*. Institute for Health Metrics and Evaluation.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2010). *Multivariate data analysis*. Pearson Prentice Hall
- Hargus, E., Hawton, K., & Rodham, K. (2009). Distinguishing between subgroups of adolescents who self-harm. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, *39*(5), 518–537.
- Harris, I. M., & Roberts, L. M. (2013). Exploring the use and effects of deliberate self-harm websites: an Internet-based study. *Journal of medical Internet research*, *15*(12), e285. <https://doi.org/10.2196/jmir.2802>
- Hawton, K., Rodham, K., Evans, E., & Weatherall, R. (2002). Deliberate self harm in adolescents: Self report survey in schools in England. *BMJ*, *325*(7374), 1207. <https://doi.org/10.1136/bmj.325.7374.1207>

- Hawton, K., & James, A. (2005). Suicide and deliberate self harm in young people. *Bmj*, 330(7496), 891-894. <https://doi.org/10.1136/bmj.330.7496.891>
- Hawton, K., Saunders, K. E., & O'Connor, R. C. (2012). Self-harm and suicide in adolescents. *The Lancet*, 379(9834), 2373–2382. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60322-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60322-5)
- Hayes, A. F. (2018). Partial, conditional, and moderated moderated mediation: Quantification, inference, and interpretation. *Communication monographs*, 85(1), 4-40. <https://doi.org/10.1080/03637751.2017.1352100>
- Jackman, K. B., Dolezal, C., Levin, B., Honig, J. C., & Bockting, W. O. (2018). Stigma, gender dysphoria, and nonsuicidal self-injury in a community sample of transgender individuals. *Psychiatry research*, 269, 602–609. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.08.092>
- Jacob, N., Evans, R., & Scourfield, J. (2017). The influence of online images on self-harm: A qualitative study of young people aged 16–24. *Journal of adolescence*, 60, 140-147. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.08.001>
- Jarvi, S., Jackson, B., Swenson, L., & Crawford, H. (2013). The impact of social contagion on non-suicidal self-injury: A review of the literature. *Archives of suicide research*, 17(1), 1-19. <https://doi.org/10.1080/13811118.2013.748404>
- John, A., Glendenning, A., Marchant, A., Montgomery, P., Stewart, A., Wood, S., Lloyd, K., & Hawton, K. (2018). Self-harm, suicidal behaviours, and cyberbullying in children and young people: Systematic review. *Journal of Medical Internet Research*, 20(4), e129. <https://doi.org/10.2196/jmir.9044>
- Johnson, G., & Pupilampu, K. (2008). Internet use during childhood and the ecological technology subsystem. *Canadian Journal of Learning and Technology/La revue canadienne de l'apprentissage et de la technologie*, 34(1).
- Joseph, A. J., Tandon, N., Yang, L. H., Duckworth, K., Torous, J., Seidman, L. J., & Keshavan, M. S. (2015). # Schizophrenia: Use and misuse on Twitter. *Schizophrenia Research*, 165, 111–115. <https://doi.org/10.1016/j.schres.2015.04.009>.
- Katz, S. J., Lee, T., & Byrne, S. (2015). Predicting parent-child differences in perceptions of how children use the Internet for help with homework, identity development, and health information. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 59(4), 574–602. <https://doi.org/10.1080/08838151.2015.1093479>
- Kline, R. B. (2016). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (4.<sup>a</sup> ed.). Guilford Press.

- Klineberg, E., Kelly, M. J., Stansfeld, S. A., & Bhui, K. S. (2013). How do adolescents talk about self-harm: A qualitative study of disclosure in an ethnically diverse urban population in England. *BMC Public Health*, 13, 572. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-13-572>
- Klonsky, D.E. (2009). The functions of self-injury in young adults who cut themselves: Clarifying the evidence for affect-regulation. *Psychiatry Research*, 166, 260–268. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2008.02.008>
- Lavis, A., & Winter, R. (2020). #Online harms or benefits? An ethnographic analysis of the positives and negatives of peer-support around self-harm on social media. *Journal of child psychology and psychiatry*, 61(8), 842-854. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13245>
- Law, G.U., Rostill-Brookes, H., & Goodman, D. (2009). Public stigma in health and non-healthcare students: Attributions, emotions and willingness to help with adolescent self-harm. *International Journal of Nursing Studies*, 46, 108–119. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2008.08.014>
- Lee, S. J. (2013). Parental restrictive mediation of children’s internet use: Effective for what and for whom?. *New media & society*, 15(4), 466-481. <https://doi.org/10.1177/1461444812452412>
- Lewis, S. P., & Baker, T. G. (2011). The possible risks of self-injury web sites: a content analysis. *Archives of suicide research: official journal of the International Academy for Suicide Research*, 15(4), 390–396. <https://doi.org/10.1080/13811118.2011.616154>
- Lewis, S. P., Heath, N. L., Michal, N. J., & Duggan, J. M. (2012). Non-suicidal self-injury, youth, and the internet: What mental health professionals need to know. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 6(1), 13–21. <https://doi.org/10.1186/1753-2000-6-13>
- Lewis, S.P., Michal, N.J. (2014) Start, stop, and continue: Preliminary insight into the appeal of self-injury e-communities. *Journal of Health Psychology*, 21(2), 250-260. <https://doi.org/10.1177/1359105314527140>
- Lewis, S. P., & Seko, Y. (2016). A Double-Edged Sword: A Review of Benefits and Risks of Online Nonsuicidal Self-Injury Activities. *Journal of clinical psychology*, 72(3), 249–262. <https://doi.org/10.1002/jclp.22242>
- Liau, A.K., Khoo, A. & Ang, P.H. Parental Awareness and Monitoring of Adolescent Internet Use. *Curr Psychol* 27, 217–233 (2008). <https://doi.org/10.1007/s12144-008-9038-6>

- Lieb R., Hoefler M., Wittchen H.U., Bronisch T. (2007). Smoking predicts suicidality: findings from a prospective community study. *European Psychiatry*, 22(S1):S40-S40. <https://doi:10.1016/j.eurpsy.2007.01.161>
- Liu, C., Ang, R. P., & Lwin, M. O. (2013). Cognitive, personality, and social factors associated with adolescents' online personal information disclosure. *Journal of Adolescence*, 36(4), 629–638. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.03.016>
- Livingstone, S. (2010). From family television to bedroom culture: Young people's media at home. In E. Devereux (Ed.). *Media studies: Key issues and debates* (pp. 302–321). London: Sage.
- Livingstone, S., & Bober, M. (2013). Regulating the internet at home: contrasting the perspectives of children and parents. In *Digital generations* (pp. 93-113). Routledge.
- Livingstone, S., & Haddon, L. (2008). Risky experiences for children online: Charting European research on children and the internet. *Children & Society*, 22, 314–323. <https://doi.org/10.1111/j.1099-0860.2008.00157.x>
- Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). Parental mediation of children's internet use. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 52(4), 581–599. <https://doi.org/10.1080/08838150802437396>
- Livingstone, S., Ólafsson, K., Helsper, E. J., Lupiáñez-Villanueva, F., Veltri, G. A., & Folkvord, F. (2017). Maximizing opportunities and minimizing risks for children online: The role of digital skills in emerging strategies of parental mediation. *Journal of communication*, 67(1), 82-105. <https://doi.org/10.1111/jcom.12277>
- Lloyd, B., Blazely, A., & Phillips, L. (2018). Stigma towards individuals who self harm: Impact of gender and disclosure. *Journal of Public Mental Health*, 17, 184–194. <https://doi.org/10.1108/JPMH-02-2018-0016>
- Major, B., & O'Brien, L. T. (2005). The social psychology of stigma. *Annual Review of Psychology*, 56, 393–421. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.56.091103.070137>.
- Marano, H. E. (2008). *A nation of wimps: The high cost of invasive parenting*. Broadway Books.
- Marchant, A., Hawton, K., Stewart, A., Montgomery, P., Singaravelu, V., Lloyd, K., Purdy, N., Daine, K., & John, A. (2017). A systematic review of the relationship between internet use, self-harm and suicidal behaviour in young people: The good, the bad and the unknown. *PLOS ONE*, 12(8), e0181722. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0181722>

- Martins, M. V., Formiga, A. I. S., Santos, C., Sousa, D., Resende, C., Campos, R., Nogueira, N., Carvalho, P., & Ferreira, S. (2020). *Adolescent internet addiction: Role of parental control and adolescent behaviours. International Journal of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 7(3), 116-120. <https://doi.org/10.1016/j.ijpam.2019.12.003>
- Miller, A. B., Massing-Schaffer, M., Owens, S., & Prinstein, M. J. (2019). Nonsuicidal self-injury among youth. In T. H. Ollendick, S. W. White, & B. A. White (Eds.), *The Oxford handbook of clinical child and adolescent psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190634841.013.34>
- Mitchell, K. J., & Ybarra, M. L. (2007). Online behavior of youth who engage in self-harm provides clues for preventive intervention. *Preventive medicine*, 45(5), 392–396. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2007.05.008>
- Moran, P., Coffey, C., Romaniuk, H., Olsson, C., Borschmann, R., Carlin, J. B., & Patton, G. C. (2012). The natural history of self-harm from adolescence to young adulthood: A population-based cohort study. *The Lancet*, 379(9812), 236–243. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(11\)61141-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(11)61141-0)
- Nathanson, A. I. (2002). The Unintended Effects of Parental Mediation of Television on Adolescents. *Media Psychology*, 4(3), 207–230. [https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP0403\\_01](https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP0403_01)
- Nesi, J., Burke, T. A., Bettis, A. H., Kudinova, A. Y., Thompson, E. C., MacPherson, H. A., Fox, K. A., Lawrence, H. R., Thomas, S. A., Wolff, J. C., Altemus, M. K., Soriano, S., & Liu, R. T. (2021a). Social media use and self-injurious thoughts and behaviors: A systematic review and meta-analysis. *Clinical psychology review*, 87, 102038. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2021.102038>
- Nesi, J., Burke, T. A., Lawrence, H. R., MacPherson, H. A., Spirito, A., & Wolff, J. C. (2021b). Online self-injury activities among psychiatrically hospitalized adolescents: Prevalence, functions, and perceived consequences. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, 49(4), 519–531. <https://doi.org/10.1007/s10802-020-00734-4>
- Nelson, M. K. (2010). Parenting out of control: Anxious parents in uncertain times. In *Parenting out of control*. New York University Press.
- Nichols, S., & Selim, N. (2022). Digitally Mediated Parenting: A Review of the Literature. *Societies*, 12(2), 60. <https://doi.org/10.3390/soc12020060>
- Nock, M. K., Joiner Jr, T. E., Gordon, K. H., Lloyd-Richardson, E., & Prinstein, M. J. (2006). Non-suicidal self-injury among adolescents: Diagnostic correlates and relation to

- suicide attempts. *Psychiatry research*, 144(1), 65-72.  
<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2006.05.010>
- Nock, M.K., & Prinstein, M.J. (2004). A functional approach to the assessment of self-mutilative behavior. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72, 885–890.  
<https://doi.org/10.1037/0022-006X.72.5.885>
- Nock, M. K. (2010). Self-injury. *Annual Review of Clinical Psychology*, 6, 339–363.  
<https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131258>
- O'Connor, R. C., Rasmussen, S., & Hawton, K. (2009). Predicting deliberate self-harm in adolescents: A six-month prospective study. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 39(4), 364–375. <https://doi.org/10.1521/suli.2009.39.4.364>
- O'Connor, R. C., Rasmussen, S., & Hawton, K. (2010). Predicting depression, anxiety, and self-harm in adolescents: The role of perfectionism and acute life stress. *Behaviour Research and Therapy*, 48(1), 52–59. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2009.09.008>
- Padilla-Walker, L. M., Stockdale, L. A., & McLean, R. D. (2020). Associations between parental media monitoring, media use, and internalizing symptoms during adolescence. *Psychology of Popular Media*, 9(4), 481–492. <https://doi.org/10.1037/ppm0000256>
- Padmanathan, P., Biddle, L., Carroll, R., Derges, J., Potokar, J., & Gunnell, D. (2018). Suicide and Self-Harm Related Internet Use: A Cross-Sectional Study and Clinician Focus Groups. *Crisis*, 39(6), 469–478. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000522>
- Payne, K. B., Cheng, C. M., Govorun, O., & Stewart, B. D. (2005). An inkblot for attitudes: Affect misattribution as implicit measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 277–293. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.3.277>.
- Piccirillo, M. L., Burke, T. A., Moore-Berg, S. L., Alloy, L. B., & Heimberg, R. G. (2020). Self-Stigma Toward Nonsuicidal Self-Injury: An Examination of Implicit and Explicit Attitudes. *Suicide & life-threatening behavior*, 50(5), 1007–1024.  
<https://doi.org/10.1111/sltb.12640>
- Postmes, T., Haslam, S. A., & Jans, L. (2013). A single-item measure of social identification: Reliability, validity, and utility. *British journal of social psychology*, 52(4), 597-617.  
<https://doi.org/10.1111/bjso.12006>
- Preacher, K. J., & Kelley, K. (2011). Effect size measures for mediation models: Quantitative strategies for communicating indirect effects. *Psychological Methods*, 16(2), 93–115.  
<https://doi.org/10.1037/a0022658>

- Reddy, N., Rokito, L., & Whitlock, J. (2016). What is the link? The relationship between non-suicidal self-injury and social media. *Information Brief Series, Cornell Research Program on Self-injury and Recovery*. Cornell University.
- Rowe, S. L., French, R. S., Henderson, C., Ougrin, D., Slade, M., & Moran, P. (2014). Help-seeking behaviour and adolescent self-harm: A systematic review. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, *48*, 1083–1095. <https://doi.org/10.1177/0004867414555718>.
- Staniland, L., Hasking, P., Lewis, S. P., & Boyes, M. (2022). News media framing of self-harm in Australia. *Stigma and health*, *7*(1), 35.
- Sciacca, B., Laffan, D. A., O'Higgins Norman, J., & Milosevic, T. (2022). Parental mediation in pandemic: Predictors and relationship with children's digital skills and time spent online in Ireland. *Computers in human behavior*, *127*, 107081. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.107081>
- Seko, Y., Kidd, S. A., Wiljer, D., & McKenzie, K. J. (2015). On the creative edge: exploring motivations for creating non-suicidal self-injury content online. *Qualitative health research*, *25*(10), 1334-1346. <https://doi.org/10.1177/1049732315570134>
- Schiffrin, H.H., Liss, M., Miles-McLean, H. *et al.* Helping or Hovering? The Effects of Helicopter Parenting on College Students' Well-Being. *J Child Fam Stud*, *23*, 548–557 (2014). <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9716-3>
- Smith, P.N., Cukrowicz, K.C., Poindexter, E.K., Hobson, V., Cohen, L.M. (2010). The acquired capability for suicide: A comparison of suicide attempters, suicide ideators, and non-suicidal controls. *Depression and Anxiety*, *27*(9), 871–877. <https://doi.org/10.1002/da.20701>
- Spears, G., Seydegart, K., & Zulinov, P. (2005). *Young Canadians in a wired world: Phase II: Student survey. Media Awareness Network*. <https://mediasmarts.ca/sites/mediasmarts/files/pdfs/publication-report/full/YCWWII-student-survey.pdf>
- Sonck, N., Nikken, P., & de Haan, J. (2012). Determinants of Internet Mediation: A comparison of the reports by Dutch parents and children. *Journal of Children and Media*, *7*(1), 96–113. <https://doi.org/10.1080/17482798.2012.739806>
- Stänicke, L. I., Hermansen, M. H., & Halvorsen, M. S. (2024). A transitional object for relatedness and self-development—A meta-synthesis of youths' experience of engagement in self-harm content online. *Child & Family Social Work*, *29*(1), 270-286. <https://doi.org/10.1111/cfs.13058>

- Steinberg, L., & Monahan, K. C. (2007). Age differences in resistance to peer influence. *Developmental Psychology*, 43, 1531–1543. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.6.1531>.
- Steinfeld, N. (2021). Parental mediation of adolescent Internet use: Combining strategies to promote awareness, autonomy and self-regulation in preparing youth for life on the web. *Education and Information Technologies*, 26(2), 1897–1920. <https://doi.org/10.1007/s10639-020-10342-w>
- Stier, A., & Hinshaw, S. P. (2007). Explicit and implicit stigma against individuals with mental illness. *Australian Psychologist*, 42, 106–117. <https://doi.org/10.1080/00050060701280599>.
- Susi, K., Glover-Ford, F., Stewart, A., Knowles Bevis, R., & Hawton, K. (2023). Research review: viewing self-harm images on the Internet and social media platforms: systematic review of the impact and associated psychological mechanisms. *Journal of child psychology and psychiatry*, 64(8), 1115-1139. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13754>
- Swannell, S. V., Martin, G. E., Page, A., Hasking, P., & St John, N. J. (2014). Prevalence of nonsuicidal self-injury in nonclinical samples: Systematic review, meta-analysis and meta-regression. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 44(3), 273-303. <https://doi.org/10.1111/sltb.12070>
- Symons, K., Ponnet, K., Emmery, K. *et al.* Parental Knowledge of Adolescents’ Online Content and Contact Risks. *J Youth Adolescence* 46, 401–416 (2017). <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0599-7>
- Tadpatrikar, A., Sharma, M. K., & Viswanath, S. S. (2021). Influence of technology usage on family communication patterns and functioning: A systematic review. *Asian Journal of Psychiatry*, 58, 102595. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2021.102595>
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations*, 7–24. Chicago: Nelson.
- Twenge, J. M., Joiner, T. E., Rogers, M. L., & Martin, G. N. (2018). Increases in depressive symptoms, suicide-related outcomes, and suicide rates among U.S. adolescents after 2010 and links to increased new media screen time. *Clinical Psychological Science*, 6(1), 3–17. <https://doi.org/10.1177/2167702617723376>
- Valkenburg, P. M., Krcmar, M., Peeters, A. L., & Marseille, N. M. (1999). Developing a scale to assess three styles of television mediation: “Instructive mediation,” “restrictive

- mediation,” and “social coviewing”. *Journal of broadcasting & electronic media*, 43(1), 52-66. <https://doi.org/10.1080/08838159909364474>
- van Kruistum, C. (Claudia), & van Steensel, R. (2017). The tacit dimension of parental mediation. *Cyberpsychology*, 11(3 Special Issue). <https://doi.org/10.5817/CP2017-3-3>
- Victor, S.E., Hipwell, A.E., Stepp, S.D. (2019). Parent and peer relationships as longitudinal predictors of adolescent non-suicidal self-injury onset. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health*, 13 (1). <https://doi.org/10.1186/s13034-018-0261-0>
- Vogel, D. L., Bitman, R. L., Hammer, J. H., & Wade, N. G. (2013). Is stigma internalized? The longitudinal impact of public stigma on self-stigma. *Journal of counseling psychology*, 60(2), 311.
- Viegas, M. J. R. (2024). *Comportamentos autolesivos em adolescentes: Narrativas pessoais e o pedido de ajuda* [Tese de Mestrado, ISPA – Instituto Universitário]. Repositório ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/10284>
- Wahl, O. E. (2002). Children’s views of mental illness: A review of the literature. *Psychiatric Rehabilitation Skills*, 6, 134–158. <https://doi.org/10.1080/10973430208408430>.
- Wilkinson, P., Kelvin, R., Roberts, C., Dubicka, B., & Goodyer, I. (2011). Clinical and psychosocial predictors of suicide attempts and nonsuicidal self-injury in the Adolescent Depression Antidepressants and Psychotherapy Trial (ADAPT). *The American journal of psychiatry*, 168(5), 495–501. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2010.10050718>
- Young, K. S., Sandman, C. F., & Craske, M. G. (2019). Positive and negative emotion regulation in adolescence: links to anxiety and depression. *Brain sciences*, 9(4), 76. <https://doi.org/10.3390/brainsci9040076>
- Young, R., & Tully, M. (2022). Autonomy vs. control: Associations among parental mediation, perceived parenting styles, and U. S. adolescents’ risky online experiences. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 16(2), Article 5. <https://doi.org/10.5817/CP2022-2-5>
- Zhang, X., Guo, H., & Lin, D. (2019). A study on the relationship between parent–child, peer, teacher–student relations and subjective well-being of adolescents. *Psychological Development and Education*, 35, 458–466.
- Zhu, Y., Li, W., O’Brien, J. E., & Liu, T. (2019). Parent–Child Attachment Moderates the Associations Between Cyberbullying Victimization and Adolescents’ Health/Mental Health Problems: An Exploration of Cyberbullying Victimization Among Chinese

Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(17-18), NP9272-NP9298.  
<https://doi.org/10.1177/0886260519854559>